



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Engrácia da Glória Quintela Alves
Sousa Varajão Martins

**Educação e Doutrinação -
O pensamento educacional
de Sebastião da Gama**

Tese de Mestrado em Educação

Área de Especialização em Filosofia da Educação

Trabalho efectuado sob a orientação do

Professor Doutor Manuel Alte da Veiga

Junho de 1996

DECLARAÇÃO

Nome: Engrácia da Glória Quintela Alves Sousa Varajão Martins

Número do Bilhete de Identidade:

Endereço de correio electrónico: engracia@bragatel.pt

Telefone:

Título dissertação: Educação e doutrinação - O pensamento educacional de Sebastião da Gama

Orientador: Professor Doutor Manuel Alte da Veiga

Ano de conclusão: 1996

Designação do Mestrado: Mestrado em Educação, área de especialização em Filosofia da Educação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 12/06/1996

Assinatura:

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Manuel Alte da Veiga a orientação deste trabalho, as suas sugestões e constante incentivo.

À minha família, a colaboração prestada.

EDUCAÇÃO E DOUTRINAMENTO - O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE SEBASTIÃO DA GAMA

Resumo

Pretende-se com este estudo fazer uma análise dos diversos tipos de doutrinação e manipulação existentes numa situação de ensino/aprendizagem. E descobrir uma solução o mais eficaz possível para uma educação em liberdade e para a liberdade, num momento em que somos "bombardeados" por todo o tipo de pressões e manipulações, por forças ideológicas e interesses político-económicos, totalmente estranhos a uma preocupação sincera pelo crescimento verdadeiramente humano.

Desenvolvemos esta problemática através de dois vectores fundamentais:

- 1) Doutrinação e Educação
- 2) O Pensamento Educacional de Sebastião da Gama

O grande centro da educação é o educando, enquanto realidade eminentemente digna e valiosa ao serviço da qual se ordena e realiza todo o processo educativo.

Ora a dignidade e o valor da pessoa humana reduzem-se a palavras vãs se não se reconhecerem como intrínsecas à pessoa a liberdade e a autonomia.

Escolhemos Sebastião da Gama para o nosso estudo, porque o consideramos um verdadeiro pedagogo, exemplo de não doutrinação, alguém que apenas demonstrava interesse pelo crescimento integral do aluno e pelo desenvolvimento das suas potencialidades.

Índice

Introdução	7
1. Algumas Considerações Iniciais	8
2. Organização do Trabalho	8
Capítulo I - O Doutrinação como situação	8
Capítulo II - Critérios de Doutrinação.....	9
Capítulo III - Doutrinação e Educação.....	9
Capítulo V - Vida e Obra de Sebastião da Gama.....	10
Capítulo VI - A Pedagogia de Sebastião da Gama.....	11
Capítulo I.....	12
1. Posição do Problema	13
2. Tentativas de Definição	15
3. Doutrinação e Outros Conceitos	18
4. Doutrinação e Seitas Religiosas.....	22
Capítulo II.....	26
1. O critério do Método	27
2. O critério do Conteúdo	28
3. O critério das Consequências	30
4. O critério da Intenção	31
Capítulo III.....	34
1. Educação Ética, Religiosa, Política.....	35
2. A Manipulação Educativa.....	38
3. Neutralidade e Educação.....	41

Capítulo IV.....	44
1. Educar para a Liberdade e a Autonomia.....	45
2. A Educação em Função do Conceito de Homem.....	48
3. O Perfil do Educador.....	50
Capítulo V.....	55
1. Biografia.....	56
2. Obra.....	59
2.1. Serra-Mãe.....	59
2.2. Cabo da Boa Esperança.....	66
2.3. Campo Aberto.....	76
2.4. Itinerário Paralelo.....	84
2.5. O Segredo É Amar.....	88
2.6. Pelo Sonho É Que Vamos.....	91
2.7. Cartas I.....	97
Capítulo VI.....	100
1. Diário de Sebastião da Gama.....	101
2. Princípios Fundamentais da Teoria Educativa de Sebastião da Gama.....	102
Conclusões.....	112
BIBLIOGRAFIA.....	115
1. ESPECÍFICA.....	115
1.1. DOUTRINAMENTO E EDUCAÇÃO.....	115
1.2. SEBASTIÃO DA GAMA.....	122
2. GERAL.....	124

Introdução

1. Algumas Considerações Iniciais

A aposta na educação, é hoje, mais do que nunca, um imperativo ético, cultural, social e político, mas é também uma questão de sentido de Estado e de lucidez estrutural e conjuntural.

A rápida evolução a que temos vindo a assistir em todos os domínios, impõe necessariamente modificações a nível da educação formal, ou seja da escola.

O grande centro da educação é o educando, enquanto realidade eminentemente digna e valiosa ao serviço da qual se ordena e realiza todo o processo educativo.

Ora a dignidade e o valor da pessoa humana reduzem-se a palavras vãs se não se reconhecerem como intrínsecas à pessoa a liberdade e a autonomia.

O homem em conquista permanente de espaços de liberdade, constitui o sujeito transcendente de todo o processo educativo e a autonomia pessoal é a consequência directa de todo um percurso de formação da personalidade humana.

No entanto, num mundo em contínua mudança, como é o nosso, o doutrinação é uma ameaça constante, por esse motivo o escolhemos para centro do nosso estudo.

2. Organização do Trabalho

Este documento foi organizado nos seis capítulos a seguir apresentados:

Capítulo I - O Doutrinação como situação

As tentativas de modificar as opiniões alheias são tão antigas como a humanidade, mas estas técnicas, nos últimos tempos, aperfeiçoaram-se de tal forma, que tememos ser manipulados.

Em todos os casos de doutrinação é de salientar o enorme investimento do emissor na sua mensagem e a exigência de que o valor transmitido seja reconhecido e aceite como tal.

A comunicação é fundamental na vivência quotidiana, mas em qualquer fenómeno de transmissão o doutrinação é um perigo eminente.

O doutrinação é por essência passional e apoia-se sobre as paixões que abafam o espírito crítico. É um tipo de instrução redutora e de certa forma anuladora da racionalidade e da liberdade humana.

O conceito de doutrinação está intimamente relacionado com outros conceitos afins como: a propaganda, o condicionamento, a lavagem ao cérebro, a doutrina, a ideologia, o dogmatismo, o sectarismo e o ensino.

Capítulo II - Critérios de Doutrinação

Alguns autores anglo-saxónicos, ao fazerem um estudo do doutrinação, tentaram fixar critérios, segundo os quais se pode detectar se uma determinada forma de instrução é ou não doutrinação. Consideraram como critérios: o método, o conteúdo, as consequências e a intenção.

Nenhum destes critérios, isoladamente, é suficiente para definir o doutrinação, mas todos conjugados ajudam à sua detecção.

Capítulo III - Doutrinação e Educação

A educação que bem planificada realiza o homem e o faz crescer em liberdade, pode transformar-se em doutrinação.

O perigo do doutrinação torna-se mais eminente nas áreas educativas da ética, da religião e da política.

Capítulo IV - Educação e Liberdade

A aposta mais complexa e mais nuclear da educação moderna é educar para a liberdade e a autonomia.

A marcha do Homem é, na sua própria essência, uma caminhada de liberdade, de perfectibilidade, de procura da verdade que há em si próprio.

A verdade só pode surgir como resultado de uma busca e de uma luta que cada um de nós tem que travar consigo próprio por sua conta e risco, é esse o sentido da sentença délfica invocada por Sócrates: "Conhece-te a ti próprio...".

A educação deve ajudar a desenvolver as pessoas naquilo que mais as caracteriza como pessoas, isto é na autonomia e na liberdade. A educação deve permitir ao indivíduo abrir os seus horizontes e sentir-se plenamente membro da comunidade humana. Neste sentido não podemos considerar o doutrinação uma verdadeira educação pois conduz o indivíduo ao isolamento, não permitindo o desenvolvimento pleno da sua personalidade.

Capítulo V - Vida e Obra de Sebastião da Gama

Consideramos Sebastião da Gama um verdadeiro exemplo de um educador não doutrinador.

Para ele viver é amar, amar numa dádiva total. Esta convicção marcou toda a sua pedagogia de poeta e de professor.

Sebastião da Gama amava apaixonadamente a beleza da Arrábida de quem dizia saber todos os segredos. Na sua obra plena de mistério, lê na natureza como num livro.

Todo o seu trabalho está imbuído dum certo misticismo e franciscanismo, ele escuta no silêncio a canção da vida e da natureza e esta melodia vai transparecer ao longo de toda a sua obra.

Capítulo VI - A Pedagogia de Sebastião da Gama

É na sua obra Diário, que encontramos os traços fundamentais da pedagogia de Sebastião da Gama.

Ele baseia o seu relacionamento com os alunos: na liberdade, na igualdade, na amizade, no respeito, na sinceridade e na lealdade.

O segredo da sua pedagogia é o amor e o respeito incondicional pela pessoa do educando.

Considera os alunos seus camaradas mais novos, a quem vai ensinar coisas que eles não sabem e do mesmo modo também aprenderá com eles, o que ignora ou já esqueceu.

Nas aulas a todos caberá o direito de falar e de exprimir as suas ideias.

Os alunos não serão obrigados a mais disciplina do que a que livremente queiram impor-se, segundo a medida do interesse que o professor saiba despertar-lhes.

Para Sebastião da Gama, ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estar interessados, a não se lembrarem que lá fora pode ser mais divertido. Crê que o professor é o principal responsável pela indisciplina e desinteresse dos alunos numa situação de ensino/aprendizagem. O professor deverá despertar o interesse dos alunos, fazer com que eles se sintam felizes aprendendo, para isso é necessário ter um bom relacionamento com a turma e num clima de convivência alegre e sincera, como quem brinca ou como quem se lembra de uma coisa que sabe e vem a propósito, ir ensinando.

O professor deverá respeitar o ritmo próprio de cada aluno, o seu estilo, o estilo da idade que atravessa.

Para ser professor é preciso ter as mãos purificadas, pois o aluno acredita nele e não deve acreditar em vão. O verdadeiro professor é a lição em pessoa. Na óptica de Sebastião da Gama, ser professor é dar-se e ensinar é amar.

Capítulo I

Primeira Parte

O Doutrinação como Situação

1. Posição do Problema

As tentativas de modificar as opiniões alheias são tão antigas como os homens, mas nos últimos anos estas técnicas aperfeiçoaram-se a tal ponto que tememos a todo o momento ser manipulados.

Além da pressão dos homens da publicidade irrompe uma quantidade de técnicas de propaganda e comunicação, de formação de atitudes e de guerra psicológica, de propaganda política, de modificação da mente, de conversão religiosa, que se torna num movimento assustador.

Numa sociedade liberal como a nossa o problema do doutrinação parece-nos uma constante, apesar de não ser muito estudado.

As investigações sobre o "doutrinação" surgem no final do século XIX e início do século XX. Estes estudos vão incidir sobretudo, no sentido pejorativo do termo "doutrinação" que começa a ser utilizado com esta acepção no final do século XIX. Em França, por exemplo, este termo começa a ser usado a partir de 1835. A história deste vocábulo está intimamente unida à implantação da atitude democrática no Ocidente, e é a partir daí que a palavra "doutrinação" começa a ser entendida como lesiva dos direitos humanos e do respeito à intimidade dos cidadãos.

Originalmente o termo significava implantação de doutrinas, sendo a palavra "doutrina" utilizada como sinónimo de "ensino". Na Idade Média, devido à proeminência da Igreja Católica Romana, o termo "doutrina" passou a significar a doutrina cristã ensinada pela Igreja, passando o termo "educação" a ser sinónimo de "doutrinação" ou "doutrinação". Nesta época "doutrinação" não tinha conotação pejorativa. Com o desenvolvimento das noções democráticas na política e a sua expansão para o campo educacional, dá-se uma cisão entre os dois conceitos. "Doutrinação" passou a ser associado aos regimes totalitários e aos métodos educacionais coercivos que se imaginava serem por eles utilizados. "Educação" tornou-se restrita ao processo racional e humano de instrução que se julgava ser praticado pelos Estados democráticos.

As investigações sobre o doutrinação na educação são sobretudo de origem anglo-saxónica. Nos Estados Unidos os debates sobre este problema centram-se mais no aspecto político e na Inglaterra acentuam mais o aspecto religioso. Este estudo, nos Estados Unidos foi levado a cabo sobretudo, pelos "progressistas", fiéis aos princípios de J. Dewey e ao novo sistema educativo proposto por ele, um sistema educativo que se coaduna com a constituição política e democrática do povo; na Inglaterra o tema interessou sobretudo aos filósofos da linguagem.

Agir e comunicar constituem-se, hoje, como dois pilares fundamentais da vivência quotidiana. «Sempre que se analisa qualquer fenómeno de transmissão, dizer a, comunicação, exposição ... e sobretudo quando há lugar para interpretação da parte do transmissor, da parte da pessoa que fala, comunica, expõe... - aparece o doutrinação como perigo iminente.»()

O doutrinação está intimamente ligado ao fenómeno da comunicação, em que a mensagem está imbuída de valor subjectivo, valor este que exige ser reconhecido e aceite pelo outro.

Snook, nas primeiras páginas da sua obra "Doutrinação e Educação" interroga-se se não poderão ser consideradas doutrinação situações como as que se seguem:

«Um professor comunista, num país comunista, ensina de maneira tal que a classe se convence de que o comunismo é o único sistema político digno de apoio.»

«Um comunista convicto leccionando numa escola inglesa ou norte-americana tenta arduamente converter a classe ao comunismo.»

«Um professor de literatura sabe que a sua interpretação de uma obra literária é contestada por muitos conhecedores, mas não os menciona e apresenta a sua interpretação como a correcta.»

«Como parte de um projecto de pesquisa, um professor--estudante ensina o que sabe ser falso (datas, lugares, provas erradas, etc.).»

«Uma mãe diz ao seu filho pequeno: guarde os seus brinquedos, você deve ser sempre bem arrumado.»

«Uma professora de religião acredita que certas doutrinas são verdadeiras e ensina-as como tais.»()

Em todos os casos que apresentamos é de salientar o enorme investimento do emissor na sua mensagem e a exigência de que o valor transmitido seja reconhecido e aceite como tal pelo receptor.

O doutrinação aparece como atitude essencial a todo o tipo de comunicação com investimento de valor por parte do sujeito, isto é na comunicação transparece uma finalidade, seja ela que for. Mas o doutrinação pode também parecer um método ou um conteúdo.

O problema do doutrinação parece-nos bastante complexo, interrogarmo-nos sobre ele será uma maneira de reflectirmos sobre o ensino e de analisarmos até que ponto ensinar poderá ser ou não doutrinar.

2. Tentativas de Definição

O doutrinação pode ser investigado sob três perspectivas. A primeira perspectiva é de cariz popular, no sentido em que as pessoas que não são especializadas consideram como doutrinação certos atentados contra a inviolabilidade das consciências: o clericalismo, o hitlerianismo, a propaganda totalitária, a guerra psicológica e a lavagem ao cérebro. A segunda perspectiva é anglo-saxónica e individual, porque considera o doutrinação como uma relação pessoal e explica-se pelos princípios de uma filosofia liberal, moral e lógico-positiva. Num terceiro sentido, o doutrinação pode ser considerado de um ponto de vista institucional, porque é pensado, não é consequência das relações pessoais, mas da acção que as instituições exercem sobre os indivíduos, quer seja a Igreja, o Estado ou a Escola que assim procedem, convertendo num problema político o que nos países anglo--saxónicos é um problema moral.

Etimológica e semanticamente só a partir dos finais do século XIX, o doutrinação começa a ter o sentido pejorativo que lhe é atribuído actualmente. Quando contrastada com o ideal de Democracia, a palavra "doutrinação" goza de um sentido muito negativo. Na democracia o indivíduo pode escolher livremente e para isso necessita de informação independente, o mais vasta possível, englobando várias perspectivas. Ora este quadro de liberdade não se coaduna com o doutrinação, no qual se pretende convencer ou mesmo forçar a uma escolha e onde a liberdade do

sujeito é limitada. Uma pessoa doutrinada não pode pensar com clareza sobre certos assuntos, nem consegue examinar a evidência, ou ter em conta outros pontos de vista.

O doutrinação tem afinidades com conceitos como "mau", "desonesto", "imoral", "falso" e por isso o seu estudo interessa ao filósofo. Este termo pode também associar-se a uma família de conceitos que inclui "ensino", "educação", "instrução" e "aprendizagem" e neste sentido interessa ao pedagogo.

Quando tentamos compaginar as diversas noções sobre o doutrinação encontramos mais discrepâncias do que concordâncias, mais traços comuns pejorativos e negativos do que positivos.

Paciano Famoso, na sua Obra Teoría de la Educacion, procura sintetizar algumas opiniões a partir das quais poderemos descrever o doutrinação na educação:

1. Um dos processos educativos é a instrução, esta poderá revestir doutrinação se for uma instrução violenta, que imponha o pensamento, sem deixar opções livres aos instruendos. É tirar aos educandos a capacidade de pensarem por eles próprios.

2. O doutrinação procura suscitar crenças injustificadas, ou um conhecimento dogmático, não necessitando de argumentos, provas e evidências, porque não tenta ser racional.

3. O doutrinação é um processo instrutivo totalitário que se aproxima da manipulação. Não é um processo de conscientização, como dizia P. Freire, mas um avassalamento. Os totalitarismos tendem à absorção e regulamentação de todas as actividades por parte do Estado, anulando a livre iniciativa, até mesmo a nível de pensamento, que está sujeito a censura.

4. O doutrinação é uma instrução distorcida e anti-educativa. Há quem o classifique de "perversão instrutiva", pelas suas más intenções.

Porque perverte os métodos, os conteúdos e os fins do autêntico processo educativo e neste sentido é uma "des-educação."

5. O doutrinação é uma manipulação, porque prescinde da liberdade e originalidade individual, que se deve conceder à educação.

O doutrinação abusa da inexperiência do educando, da sua ignorância e do seu espírito juvenil, para o conduzir à cega aceitação e à crença inexplicável, tirando aos educandos a possibilidade de descobrir por si próprios a realidade e a verdade .

6. O doutrinação é uma inculcação irracional de crenças.

7. O doutrinação é uma instrução infantilizadora, mais apoiada na afectividade do que na argumentação. ()

Estas características são suficientes para concluirmos que o doutrinação é um tipo de instrução.

Podemos concluir que estamos na presença do doutrinação se: é ensinada uma doutrina perniciososa; é utilizado o ensino para propagar uma doutrina partidária; fazer aprender sem compreender aquilo que deve ser compreendido; isto é inculcar sem explicar; utilizar para o ensino o argumento da autoridade, sem deixar lugar para o juízo crítico; ensinar a partir de preconceitos, por exemplo racistas ou nacionalistas; ensinar uma doutrina como se ela fosse a única possível; ensinar como científico o que não o é de facto; ensinar apenas factos em favor da sua doutrina, mostrando só um ponto de vista e excluindo todos os outros; falsificar os factos para espalhar a sua doutrina, inventar factos, falsificar estatísticas, etc.; seleccionar arbitrariamente uma parte do programa de estudos, persuadindo os alunos de que só aquela é importante, omitindo referências que poderiam abrir novos horizontes ao aluno; exaltar no ensino determinados valores em detrimento dos outros; propagar o ódio com o ensino, isto é típico por exemplo do fanatismo e do racismo; impor pela força uma crença, etc.

Por tudo isto podemos verificar que o doutrinação é difícil de identificar porque é um conceito vasto. É sobretudo uma empresa a longo prazo, manifestando-se tanto sobre a inteligência como sobre a afectividade. «O doutrinação é um ensinamento, mas um ensinamento reprovável. (...) A gente doutrina, conscientemente ou não, quando se ensina de tal maneira que se abafa o pensamento do aluno em lugar de o estimular. O doutrinação é por essência passional e apoia-se sobre as paixões que abafam o espírito crítico.»()

O doutrinação implica falta de respeito pela racionalidade de um indivíduo e por isso é moralmente inaceitável, não podendo ser qualificado como educação na verdadeira acepção do termo.

Tentando uma tipificação do doutrinador, poderemos defini-lo como «uma pessoa pouco amiga da concessão e do diálogo, que evita explicações, para não ser surpreendido em incongruências; é dominada pela paixão, carregando de emocionalidade o seu ensino e evitando a frieza do raciocínio; prefere a educação

magistocêntrica; (...) oculta a insegurança do seu pensamento e frequentemente faz passar por verdade o que não é mais do que uma hipótese; não é liberal e independente no seu pensamento mas adere facilmente a parcialismos de pouco valor intelectual; adopta mais, atitudes emocionais do que fortes convicções racionais, fruto do estudo e da investigação.»() A emoção como tal não é má, não devemos é pô-la ao serviço do doutrinação.

Por seu lado o doutrinado será alguém com tendência a encobrir os factos que o inquietam; distinguir-se-á pela unilateralidade na argumentação, tomando atitudes radicais e adoptando posturas a favor ou contra; encobrindo a sua falta de lógica e recorrendo à oratória para dissimular as suas deficiências lógicas, utilizando formulas pré-fabricadas; teme a dúvida, carece de auto-crítica e de auto-reflexão.

O doutrinado é uma pessoa que se deixa influenciar e convencer, mesmo sem ter argumentos válidos para tal.

Podemos concluir que o doutrinação é um tipo de instrução redutora e de certa forma anuladora da racionalidade e da liberdade humana.

3. Doutrinação e Outros Conceitos

O conceito de doutrinação aparece-nos intimamente relacionado com outros conceitos afins que convém explicar um pouco. Aproximam-se do doutrinação os seguintes conceitos: o condicionamento, a propaganda, a lavagem ao cérebro, a doutrina, a ideologia, a manipulação, o dogmatismo e o ensino.

Além do doutrinação há outras formas de manipulação psíquica como a propaganda e o condicionamento.

A propaganda é toda a acção simbólica destinada a fazer agir as massas em função dum determinado fim. Tal como acontece no doutrinação, na propaganda dissimula-se algo, para garantir a eficácia.

«A propaganda mais eficaz é a que dissimula a sua natureza de propaganda: por exemplo a publicidade escondida na redacção de um artigo, ou um boletim de informação tendencioso porque ao serviço do governo.»()

Na propaganda não são usadas mentiras mas verdades parciais.

À semelhança do doutrinação, tende a apresentar o seu ponto de vista como o único possível. Mas distingue-se do doutrinação em alguns pontos: «A propaganda dirige-se às massas para obter uma acção imediata a curto prazo: votar, comprar, manifestar, etc. O doutrinação visa antes de tudo a crença e dirige-se a um só, ou a um número restrito de indivíduos para um resultado a longo prazo.»()

A propaganda não visa educar mas sim mobilizar, dirige-se a grandes grupos. O doutrinação destina-se a um pequeno número de indivíduos e requer tempo, pois só consegue sortir o efeito desejado a longo prazo, por isso o seu público preferido são as crianças e os jovens. A propaganda dirige-se a todas as idades, pois é uma comunicação de massas.

A propaganda pode utilizar meios irracionais: repetições desprovidas de sentido, imagens, músicas, etc.

No doutrinação têm que ser utilizados argumentos para prevenir os protestos do espírito crítico.

A propaganda respeita as necessidades e os estereótipos dos seus destinatários, não tem tempo para os transformar, uma vez que é uma acção a curto prazo. O doutrinação, pelo contrário, ataca os juízos de valor existentes, para criar outros. A diferença nota-se até a nível de linguagem: a propaganda utiliza o código dos seus destinatários, enquanto o doutrinação pode modifica-lo, representando um papel "metalinguístico".

Em suma: propaganda não é o mesmo que doutrinação, mas pode tornar-se doutrinação quando é durável e monolítica. Por outro lado, uma propaganda só é verdadeiramente eficaz quando apoiada num certo doutrinação já existente.

O Condicionamento é uma actividade a longo prazo e neste aspecto também se aproxima do doutrinação, no entanto são conceitos diferentes uma vez que o condicionamento se refere à conduta e o doutrinação à crença. O condicionamento destina-se à inculcação de hábitos, sem que intervenha a inteligência, de forma que o mesmo estímulo provoque sempre a mesma resposta. O doutrinação dirige-se à

inteligência, implica a crença, uma crença acompanhada duma certa compreensão, isto é de razões explicativas.

A lavagem ao cérebro consiste em criar fragilidade nos doutrináveis, em desintegrar a sua personalidade, modificando o seu psiquismo, principalmente os sentimentos e as crenças. Pretende-se transformar o sujeito num homem novo. A lavagem ao cérebro é um tipo de doutrinação, principalmente quando produz a adesão a uma doutrina estranha ao indivíduo.

Para mudar o padrão de pensamento e sentimento de uma pessoa e as suas perspectivas pela lavagem ao cérebro, são utilizados: condicionamentos, drogas, ansiedade, medo, distorção, doutrinação, isolamento forçado, etc. Este método é usado em pessoas adultas, pois são mais difíceis de doutrinar. Nas crianças, os doutrinadores não usam métodos de lavagem cerebral se podem influenciar as crianças, quando são mais jovens, utilizando para isso apenas o doutrinação.

A Doutrina refere-se ao ensino, se partimos da sua etimologia verificamos que provém do verbo latino "doceo", cujo significado é ensinar. Doutrinar é ensinar uma doutrina, ou seja um conjunto de noções, apresentadas como verdadeiras e através das quais se pretende fornecer uma interpretação dos factos e orientar ou dirigir a acção. A doutrina tende por essência a ser comunicada e ensinada, mesmo no caso das doutrinas "secretas" elas são ensinadas a um grupo de iniciados, que a professam. Sem ser comunicada e professada não seria doutrina.

Toda a doutrina será doutrinação? Sem dúvida que não, podemos ensinar uma doutrina à qual aderimos sem estarmos a doutrinar, isto é mostrando por exemplo que as crenças que a constituem podem ser discutíveis. Se pelo contrário deformamos os factos, dissimulamos a incerteza e a parcialidade inerentes à doutrina e lhe conferimos uma objectividade que ela não tem, estamos a doutrinar.

A Ideologia é um termo implicado também no doutrinação, enquanto que é uma classificação e origem das ideias. O doutrinação pode ver-se a partir da perspectiva da ideologia no sentido em que certos grupos procuram dominar outros. No dizer de Raymond Williams (1977), «na medida em que a classe no poder controla os principais meios pelos quais a ideologia é propagada e divulgada na sociedade, ela pode fazer com que a classe trabalhadora veja a sua subordinação como "natural" e, por isso, certa. É aqui que reside a falsidade. Entre os meios ideológicos, contam-se os sistemas educativo, político e jurídico, os mass media e as editoras.»()

A escola e o ensino podem considerar-se veículos óptimos para fomentar a ideologia imperante, de reprodução cultural. O sistema escolar da sociedade capitalista assegura um poder e domínio ao docente, que lhe permite fornecer e inculcar ideias, para assegurar o predomínio do sistema dominante e isto é, de certa forma, doutrinação.

A doutrinação também se associa frequentemente o dogmatismo no sentido pejorativo, considerando como dogmatismo a adesão a uma doutrina, sem prévia fundamentação crítica.

Ensino e doutrinação são dois conceitos afins. Todos os casos de doutrinação são casos de ensino, mas nem todo o ensino é doutrinação.

O doutrinação é, tal como o ensino, uma atitude duradoura, visando um fim a longo prazo. No quadro do ensino verificamos que há uma assimetria na relação professor-aluno, o professor goza de poder, autoridade, prestígio, daí que há facilidade de doutrinação. Consideramos que um professor que use as suas aulas para doutrinar os alunos, é um professor no sentido mínimo do termo: ele assumiu a responsabilidade pela aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e violou a sua confiança, pois não velou pela sua verdadeira promoção e educação.

Nem todos os tipos de ensino podem ser considerados casos de doutrinação, este dá-se sobretudo quando se transmitem crenças. Pois a crença esconde o carácter intelectual, conceitos e razões parecem perder a sua importância no processo da crença. A crença é «um assentimento tal que exclui a dúvida (...) é uma disposição para aceitar sem pôr em questão, porque se confia noutro, ou em si próprio.»() Daí o perigo de doutrinação.

Podemos considerar o doutrinação como isolamento pois é coarctada a liberdade do sujeito. «Dá-se um atentado directo contra uma característica essencial do homem educado: a insatisfação que levanta um contínuo porquê.»() Ao valorizar apenas um determinado ponto de vista, ao fechar perspectivas ao educando, ao evitar a discussão dos problemas, o educador está a ser doutrinador e a tirar ao educando a possibilidade de escolher e de descobrir, atrofiando deste modo o seu desenvolvimento intelectual.

Doutrinação distingue-se de ensino, no sentido em que há o medo de discussão aberta e da exploração dos recursos intelectuais, há dissimulação, há

isolamento, enquanto no verdadeiro ensino deverá haver abertura de horizontes, anti-
isolamento, diversas perspectivas, desenvolvimento e promoção do espírito crítico.

4. Doutrinação e Seitas Religiosas

Os humanismos contemporâneos forjaram a "morte de Deus", que Nietzsche se encarregou de proclamar. Mas a "morte de Deus" em abono da emancipação do homem arrastou consigo a morte deste.

Perante a incapacidade dos humanismos contemporâneos, da ciência e da técnica em responder às questões fundamentais, o homem sente a necessidade da abertura à transcendência num contexto em que a crise do homem actual é, antes de mais, uma crise metafísica.

A inquietude espiritual leva o homem a uma busca de refúgios seguros que o projectem para o infinito, na esperança de ser em plenitude. A solidão de quem expulsou a dimensão transcendente e se confronta agora com a finitude e o vazio de si mesmo coloca os homens na busca dos caminhos da espiritualidade. As seitas são a manifestação deste regresso do religioso que caracteriza a sociedade actual.

Mas será este regresso do religioso que as seitas nos proporcionam, a afirmação de um autêntico humanismo? Corresponderá esta proliferação de seitas no séc. XX, a uma crise de valores, a certa procura do transcendente, a moda passageira, à necessidade de segurança emotiva e psicológica, ao desencanto face às Igrejas institucionalizadas? Serão a pura lógica e as "certezas científicas" que guiam as opções do homem moderno, ou sentimo-nos atraídos pelos critérios religiosos nas suas formas mais imediatas e sedutoras para quem vive num mundo hostil e despersonalizante? Será o fenómeno sectário, um resultado do doutrinação religioso?

Antes de mais convém definir seita e sectarismo.

Etimologicamente, o vocábulo seita provém de sector, forma intensiva do verbo latino sequi (seguir) ao qual se incorporou depois a noção de ruptura, expressa pelo verbo secare (cortar). Um grupo de pessoas adere estritamente a uma doutrina muito definida, e esta adesão vai uni-las de tal forma que as separa dos outros homens, isto é

de todas as pessoas que não sigam a mesma ideologia. O qualificativo de "seita" diz respeito a grupos cerrados, fanáticos e alienantes. A opção por um sistema religioso ou ideológico em detrimento de outro marca, de facto, uma ruptura com aquele a que antes se pertencia.

«Do substantivo feminino latino secta deriva o adjectivo latino sectarismo, e deste vem o português sectário, bem como sectarismo.»()

O fenómeno "secta" verifica-se em vários campos: na filosofia, na jurisprudência, na literatura, na medicina, na política, na religião, etc. Embora actualmente apareça mais frequentemente na política e na religião.

O que caracteriza psicologicamente o fenómeno seita é um entusiasmo por vezes fanático.

As causas que conduzem ao sectarismo parecem ser: a irreflexão, a paixão, o amor-próprio e a falta de uma busca sincera e incansável da verdade.

Assim, só podem livrar-nos de sermos sectários, a reflexão e o amor desinteressado pela verdade.

«Na história religiosa, seita surge como oposição à Igreja já instituída, designa um pequeno grupo de dissidentes aglutinados em torno de um dirigente.»()

A seita é geralmente um grupo religioso dissidente de alguma comunidade maior e que segue algum "iluminado", entendendo "iluminado" no sentido pejorativo. O líder da seita assume-se como profeta enviado e iluminado por Deus, e a sua missão é interpretar autenticamente o carisma.

Neste seguimento predomina a sugestão emotiva. Esta é provocada por doutrinação.

Nas seitas, o que se pretende é que as pessoas formem juízos pela simples razão de assim terem dito os "iluminados", e não porque a pessoa vê que as coisas devem ser desta ou daquela forma, não se guiando por razões objectivas.

«O sentimento, muito embora possa ter um papel preponderante no conhecimento, próximo da intuição, representa demasiado a reacção subjectiva daquele que fala, informa, etc., e por isso pode motivar aquele que recebe a informação a aceitar como racionalmente válido, aquilo que não passa de "apresentação atraente".»()

Nas seitas, o que se pretende é doutrinar, não se conta com a capacidade racional dos seguidores, mas apenas com a sua reacção sentimental, que não implica falsidade

mas a anulação de algumas ou todas as virtudes do homem racional. Os conteúdos, ao serem transmitidos, provocam necessariamente uma situação de doutrinação, visto a validade ou verdade desses conteúdos se apoiarem na autoridade divina.

«A situação de doutrinação não o é apenas pelo "revestimento exterior" das ideias. Parece ser, de facto a "materialização" do entusiasmo (...) O drama humano consiste em deixar-se entusiasmar.»() E entusiasmar de tal maneira que a pessoa acredite que vale realmente a pena e defenda calorosamente o sistema de ideias que lhe inculcaram, até dar a vida se necessário. Exemplo disto, é o caso da Seita do Templo do Povo, que levou ao suicídio colectivo 914 adeptos.

Pode considerar-se o doutrinação como isolamento também no caso das seitas. A seita religiosa, tem a pretensão de ser resposta a todos os porquês dos seus adeptos, a ter a informação total para as suas questões existenciais, privando a pessoa de conhecer outras perspectivas. O doutrinação tem lugar na religião visto que «o tipo de comportamento religioso não admite dúvidas essenciais nem fragilidade na posição tomada. O sentimento de "estar na verdade" é comum e forte.»()

O doutrinação eficaz é rigorosamente lógico, a apresentação de razões válidas, é feita de tal forma, que praticamente impede qualquer ulterior abordagem racional noutros moldes de pensamento.

Contra uma das características fundamentais do ser humano que é um saber reflexivo nas seitas, procura-se doutrinar de tal maneira que os adeptos se julguem possuidores da verdade, mas não saberão que é "verdade", no sentido de que este saber inclui o porquê; e o que se pretende é doutrinar de tal forma que as pessoas não sejam capazes «de correr o risco de procurar a verdade ou de se colocarem perante a verdade que lhes foi "oferecida" (diríamos, até, "revelada") com seriedade - isto é, embora acreditando, não descansando na fé.»()

A intolerância e o totalitarismo inerentes às seitas conduzem com muita facilidade à despersonalização e à infantilização dos seus membros. Têm habitualmente verdades para tudo e para todos. O seu fanatismo leva-as a rejeitar todos os que não concordam com elas e todas as verdades científicas que as contradizem, numa tentativa de fazer com que a sua doutrina continue sobre bases sólidas.

As técnicas de doutrinação utilizadas pelas seitas são sofisticadas, explicando em boa medida o seu sucesso. No nosso país, por exemplo, os evangélicos fundamentalistas, multiplicam-se aos milhares, abrem novas casas de oração todos os

meses, alugam estádios, salas de cinema e outros grandes espaços onde reúnem os seus fiéis para grandes sessões públicas de evangelização "cristã", sempre acompanhados de lindos coros, de sessões espirituais de curas e de peditórios chorudos. Os meios de comunicação, mormente a rádio e a televisão, são outro forte veículo de propaganda.

Em todas as sessões de evangelização nunca faltam os testemunhos de homens e de mulheres que se converteram àquela denominação cristã e se sentiram curados de males físicos e mentais.

Os métodos de doutrinação mais usuais, nas seitas, são: privação do sono; alimentação pobre em proteínas; isolamento progressivo do exterior; ocupação contínua; mendicidade; longas horas de trabalho sem remuneração; temor de desagradar ao líder da seita; medo da morte, do inferno e de não ser um dos eleitos.

«São tudo mecanismos de agressão que conduzem ao fanatismo e à dependência.

Os hábitos culturais são adulterados, a despersonalização é crescente. Muitas das seitas pegam nos seus membros e enviam-nos para outros países de forma a, aí sem bilhete de regresso, poderem instrumentalizá-los mais facilmente.» () Fazem manipulação humana, instrumentalizam mentalidades e aspirações.

Nas seitas, a condição humana não tem espaço, apesar de ser esse um dos temas predilectos que usam na sedução dos adeptos. As seitas impõem muitas vezes as suas próprias normas de pensar, de sentir e de conduta, através de uma abordagem positiva, tendem, progressivamente, a dominar o espírito, utilizando técnicas abusivas de modificação do comportamento. As pessoas ficam "robotizadas", "programadas", sem se aperceberem disso. A programação passou a ser uma qualidade técnica, mas as pessoas estão a assemelhar-se cada vez mais às máquinas, à programação, em vez de aprofundarem e desenvolverem aquilo que mais as caracteriza como pessoas.

O homem é um ser complexo e a vida não se reduz à rigidez de um computador. O novo e o inesperado tornam o homem diferente da máquina.

Quando o homem deixa de questionar, aceitando um assunto como certo, independentemente da evidência, encontra-se numa situação de doutrinação. O doutrinação é o problema central do sectarismo.

O único modo de ultrapassarmos este problema é continuarmos a ser pessoas autónomas, responsáveis e livres, pessoas que questionam, que continuam na busca incessante da verdade.

Capítulo II

Critérios de Doutrinação

A produção bibliográfica anglo-saxónica tentou fixar alguns critérios, segundo os quais se pode detectar se uma determinada forma de instrução é ou não doutrinação. Neste sentido, apontaram vários critérios como: o critério do método, do conteúdo, das consequências e da intenção.

1. O critério do Método

Os progressistas dos Estados Unidos consideram o doutrinação como sendo o método usado pelos regimes totalitários, em comparação com os métodos mais humanos favorecidos pelos democratas. A filosofia liberal e democrática de John Dewey, contrária a todo o autoritarismo, considera o doutrinação como uma forma especial de ensinar, isto é um método. Segundo esta filosofia haverá doutrinação sempre que o método for autoritário.

«O método doutrinador é autoritário, repressivo, dogmatizante, irracional, coactivo, violentador, deformante da realidade, sectário, arbitrário na selecção dos conteúdos, impositivo de crenças, etc.»() Isto é um método marcado pelas seguintes características: o professor é autoritário, não permitindo debates ou indagações; o conteúdo ministrado é incutido com muita insistência; não se permite o debate; há ameaças de algum tipo pairando sobre as crianças. Isto é um método "não-racional".

Scheffler (1960) afirma que o ensino exige que apresentemos as nossas razões ao estudante para que este as avalie criticamente, caso contrário não estaremos propriamente a ensinar, mas a doutrinar. Se um professor tenta impedir que um aluno adquira qualquer apoio para as suas crenças, que não a simples afirmação de uma autoridade irrelevante, ele não está a ensinar, mas a doutrinar.

Os filósofos analistas da linguagem consideram que o critério do método não é o mais importante, quando se estuda o doutrinação. Contudo, alguns dos que têm analisado o conceito de "ensino" dão a impressão de que o doutrinação é um método específico de suscitar crenças.

Não podemos avaliar adequadamente os métodos separadamente do conteúdo que está a ser ensinado. Os métodos usados para ensinar a maior parte dos assuntos são avaliados mais pedagogicamente do que moralmente. Considerar o método como

principal critério de doutrinação parece-nos inadequado, já que para que o método funcione na identificação do conceito de "doutrinação" teremos que considerá-lo em conjunto com o conteúdo.

Com crianças muito novas nem sempre é possível utilizar os métodos racionais. Tal como observou Aristóteles, a moralidade começa com os hábitos. Quando os pais ensinam aos seus filhos comportamentos sociais ou morais aceitáveis, se não olharmos ao conteúdo, podemos afirmar que se trata dum caso de doutrinação, o que não o é de facto, pois uma pessoa pode usar um "método não-racional" sem ser acusada de doutrinar.

O doutrinação pode envolver métodos não-racionais, mas nem sempre o faz. «O "método não-racional" é um critério totalmente inaceitável de doutrinação. A sua extrema falta de clareza torna-o virtualmente ininteligível, não pode funcionar separado do conteúdo ensinado; não logra distinguir técnicas aceitáveis e inaceitáveis para crianças novas e não leva em conta o doutrinador eficiente, artiloso e bem instruído.»() Estes costumam ser os argumentos utilizados por aqueles que são acusados de doutrinação.

Podemos concluir que o método é uma condição necessária, mas não suficiente para determinar o doutrinação, pois um doutrinador pode utilizar o melhor método conhecido, racional e estar a doutrinar. Não basta levar os alunos a raciocinar para evitar o doutrinação.

2. O critério do Conteúdo

Enquanto os filósofos norte-americanos da educação salientaram o critério do método, os ingleses preferiram o do conteúdo, afirmando que é o conteúdo ensinado que determina se há ou não doutrinação.

John Wilson considera que o doutrinação é caracterizado pelo conteúdo.

Antony Flew, J. Passmore e R.S. Peters, também comungam da ideia de que é no conteúdo que se encontra o doutrinação.

Segundo Peters: «seja o que for mais que "doutrinação" possa significar ele obviamente tem algo a ver com doutrinas, que são uma espécie de crenças.»()

Passmore, por seu lado, afirma que nos casos de doutrinação: «os alunos são instruídos ... em doutrinas e em respostas estereotipadas a objecções estereotipadas à doutrina.»()

Flew salienta que «não havendo doutrinas não há doutrinação.»()

I.M.M. Gregory e R.G. Woods são da mesma opinião. «Para estes autores ingleses doutrinar é, em primeiro lugar, inculcação de uma doutrina. "Doutrina" tem o mesmo sentido pejorativo de doutrinação; a doutrina é a do outro, o conteúdo pernicioso. A doutrina é o único que pode ser doutrinável.»()

O termo "doutrina" é bastante ambíguo e impreciso. Etimologicamente, vindo do latim, *docere* significava "ensinar", e *doctrina* significava o que quer que se ensinasse. "Doutrinação" podia ser adequadamente descrito como "transmissão de doutrinas". "Doutrinas" tornou-se restrito aos ensinamentos da Igreja e "doutrinação" ampliou-se para incluir toda a educação. Há quem considere que a doutrina não é uma verdade científica. Gregory e Woods afirmam que a característica principal das doutrinas é não se saber se elas são verdadeiras ou falsas. Gribble diz que «uma doutrina é um conjunto de crenças que se apoiam em suposições que ou são falsas ou cuja veracidade não pode ser mostrada publicamente.»()

Em ambos os casos citados, somos incapazes de distinguir doutrinas de não-doutrinas.

Gregory e Woods, afirmam que a doutrina é uma asserção a que se chega não por um método científico, considerando como científico o que é experimental. Mas também este não parece ser um critério completo devido nomeadamente ao doutrinação não se restringir ao ensino de doutrinas.

As doutrinas entram no doutrinação como explicações. Elas explicam muitos casos de doutrinação, por isso as associamos com o termo ideologias, mas não é necessário para que exista doutrinação, que a crença apareça associada a uma ideologia.

Podemos concluir que o doutrinação não se restringe ao ensino de doutrinas, seja como for que as definamos. O doutrinação, na prática, aparece frequentemente ligado a ideologias porque estas dão motivos convincentes para doutrinar, no entanto a

presença de uma "doutrina" não é condição necessária para o doutrinação, pois há maneiras não-doutrináveis de se transmitir doutrinas.

Neste sentido considerámos que o critério do conteúdo não é suficiente para afirmarmos a existência de doutrinação.

3. O critério das Consequências

Na vida quotidiana afirmamos muitas vezes, de modo depreciativo, que uma pessoa está doutrinada. Com isso queremos dizer que, em certa área do seu pensamento ou actividade humana a sua mente está fechada, as suas crenças não estão abertas à racionalidade. Por mais que falemos com essa pessoa e apresentemos argumentos, ela fica indiferente e chegamos à conclusão que o melhor é deixa-la com os seus mitos e preconceitos, já que nada conseguimos mudar.

São pessoas deste género que nos levam a falar de doutrinação.

«Green sustenta que se distingue o doutrinação da educação em termos de produto final: a pessoa doutrinada não aceita as suas crenças "evidencialmente", não pode dar quaisquer razões adequadas para elas, nenhuma explicação clara delas ou oferecer qualquer evidência sólida em seu apoio.»()

Mas esta definição de Green não é muito clara, porque a falta de argumentos e a incapacidade de explicação das próprias crenças, pode não ter nada a ver com o doutrinação, mas sim com o ensino deficiente.

No dizer de Passmore, uma pessoa verdadeiramente doutrinada viceja em argumentos, o treino em objecções estereotipadas muitas vezes é uma característica importante no processo de doutrinação.

Podemos concluir com Snook que «quaisquer que sejam os critérios que definamos como caracterizadores de uma pessoa "doutrinada" eles jamais serão o bastante para se afirmar que houve doutrinação.»() Pois as pessoas doutrinadas apresentam um conjunto de critérios por vezes difíceis de definir. O doutrinação não depende portanto das consequências.

4. O critério da Intenção

O doutrinação é um acto e o que caracteriza um acto e o distingue dos outros é, sem dúvida, a intenção do seu autor.

William Heard Kilpatrick, discípulo de John Dewey, foi um dos primeiros autores a salientar o critério da intenção. White e M. Hare, também defendem este critério.

White afirma que o doutrinação se distingue da educação pelas intenções do professor.

«Segundo White (1967), o doutrinação requer certo tipo de intenção, a saber, a de que a criança acredite de tal forma no que lhe é ensinado que nada abalará a sua crença.»()

Este critério da intenção, definido por White parece--nos insuficiente para definir o doutrinação, pois White não distingue o ensino do que é verdadeiro, daquilo que é falso e duvidoso, aplicando o termo doutrinação indistintamente. Se tomarmos por exemplo o ensino dos professores de matemática, de química ou de línguas, verificamos que eles ensinam muitas coisas e não esperam que estas sejam postas em causa e muito menos rejeitadas, e no entanto, não consideramos que estejam a doutrinar, mas sim a ensinar.

Entre "ensino" e "doutrinação" existe uma relação necessária ou conceptual, por isso mesmo, separar "ensino" e "doutrinação" é conceptualmente errado e perigoso. Pois o "doutrinação" não aparece em qualquer interacção de ideias, mas apenas em situações de ensino. O doutrinação é uma deformação da instrução, que por sua vez faz parte do processo educativo.

O termo "intenção" é de difícil análise, pois é utilizado em muitos contextos diferentes. Aqui será usado no contexto da avaliação moral. No dizer de Snook, no contexto da responsabilidade moral, o vocábulo "intenção" tem três conotações: 1) O que é desejado; 2) O que é previsto como provável ou inevitável; 3) O que é previsível. O docente pode ser acusado de doutrinação se: tenta doutrinar; deseja que os seus

alunos sustentem crenças independentemente da evidência; prevê como resultado da sua docência consequências prováveis ou inevitáveis. Em suma: «Somente se há a intenção de transmitir crenças, não obstante a evidência, é que podemos aplicar o termo "doutrinação".»()

Este contexto moral ajuda-nos a especificar com maior exactidão a expressão "com a intenção". E podemos concluir que uma pessoa está a doutrinar se no seu ensino deseja que os seus alunos acreditem naquilo que ensina, independentemente da evidência, ou se prevê que o resultado do seu ensino é provável e inevitável.

«Os resultados do doutrinação são uma questão de interesse moral, e agir com a compreensão de que eles ocorrerão é agir intencionalmente e, portanto, tornar o agente passível de crítica moral.»()

No entanto, este critério da intenção não abrange todos os casos de doutrinação. Por exemplo um professor medieval que ensina que o mundo é plano, ele não tem a intenção de que os alunos adoptem crenças falsas, por isso não podemos chamar a isso doutrinação. Do mesmo modo não podemos dizer que um professor comunista convicto, que ensina num país comunista, seja doutrinador.

Na instrução moral da criança o termo doutrinação não é adequado, uma vez que há sobretudo inculcação de hábitos. Mas à medida que a moralidade se torna uma questão de crenças (no sentido da inculcação de um conjunto de crenças), o termo doutrinação torna-se adequado.

É possível que o docente não se proponha expressamente o doutrinação, mas que o faça de forma indirecta.

Se perguntássemos a alguém se estava a doutrinar, de certeza que nos responderia que não, diria que estava apenas a ensinar. No entanto, o doutrinador nunca é inocente, ele sabe muito bem o que está a fazer e quais são os seus objectivos. Se uma pessoa não está a fazer nada intencionalmente, então não está a doutrinar. Não se pode doutrinar por omissão.

Podemos concluir que o critério da intenção é necessário para definir o doutrinação, mas não suficiente, pois o conteúdo e o método são também importantes. Pelo método, um observador pode perceber a intenção de doutrinar. O conteúdo é importante porque nem todo o conteúdo é igualmente susceptível de doutrinação.

A definição de doutrinação pelo seu aspecto negativo não leva muito longe, nem ajuda a solucionar o problema. No dizer de Alte da Veiga, o doutrinação é sobretudo o isolamento da pessoa contra a abertura da pessoa. «Em todos os casos em que se possa falar de doutrinação encontra-se, na sua génese, uma atitude ou vontade de impedir a todo o custo, a derrota da ideia ou sistema de ideias a inculcar. Mesmo no caso em que o processo de comunicação é racional, em si, apoiando-se em razões efectivamente válidas, considerando os vários aspectos, etc., dá-se doutrinação quando o ouvinte, levado, por qualquer motivo que seja, aprende muito bem todo esse desenvolvimento racional, tornando-se capaz de debater os principais problemas, mas não sendo capaz de enfrentar directamente essa mensagem, analisando honestamente por que é que a aceita. Assim, acredita de tal maneira que nem os melhores argumentos podem abalar a sua crença.»()

Capítulo III

Doutrinação e Educação

1. Educação Ética, Religiosa, Política

O doutrinação tem mais probabilidades de ocorrer nas áreas da ética, da religião e da política, pois são campos em que as pessoas informadas diferem, pois são áreas consideradas mais "subjectivas", requerem um juízo que não se baseia em critérios inequívocos, pois há o predomínio da linguagem simbólica. No entanto, a maior parte das pessoas considera essencial que as crianças sejam instruídas num conjunto de valores morais, num sistema político e numa tradição. O educador sincero enfrenta um dilema, se por um lado crê ser desejável que as crianças cedam às exigências de uma ordem moral, sejam informadas sobre uma procura de vida social e tenham capacidade para compreender questões religiosas. Por outro lado, ele sabe que o que parece educação nestas áreas é por vezes doutrinação no sentido mais lato do termo.

«Diante deste dilema, vários teóricos têm afirmado que toda a instrução moral, religiosa e política devia ser adiada até um momento em que a racionalidade da criança se desenvolvesse ao ponto de avaliar sozinha as várias posições e chegar às conclusões que julga serem as mais razoáveis.»()

Esta conclusão não nos parece aceitável. Os pais não deixam de ter a responsabilidade na formação dos caracteres dos filhos ao pretenderem utilizar métodos "negativos", pois estes poderão ser uma educação "positiva" noutra direcção.

«Como Nell (1969) observou numa crítica a Rousseau, qualquer política de permissividade pode ser descrita por mais de um modo. A julgar pelas aparências, uma abordagem permissiva é uma política de liberdade (...) uma decisão de não ensinar certas habilidades ou atitudes não garante que a criança se desenvolverá naturalmente. Isto pode, ao contrário, assegurar que ela não será absolutamente capaz de desenvolver-se em alguma área.»()

Este argumento é mais convincente na área da moral e do desenvolvimento social, mas pode generalizar-se a questões de política e religião. Preferir não ensinar uma criança a rezar, ou não lhe ensinar as boas maneiras à mesa, não é evitar um compromisso de valor, mas sim fazer um compromisso de valor diferente.

No dizer de Snook: «A racionalidade não é um desenvolvimento no mesmo sentido da puberdade. Ela é o resultado de vários tipos de experiências e das reacções da criança a essas experiências, é o resultado da vida social, de uma linguagem comum e de uma herança de conceitos e atitudes transmitidas em alguma tradição. Negar à criança as experiências dos dilemas morais e dos problemas religiosos é por esse facto tolher o desenvolvimento da sua racionalidade. Esperar pelo raciocínio moral antes de começar a instrução moral é o mesmo que esperar que a criança componha uma sonata antes de iniciar a sua educação musical.»()

E aqui é que surge o dilema: como se poderá educar a criança, sem cair no doutrinação?

Para substituir o doutrinação moral tão típico no passado, estão a surgir trabalhos na área da ética que abrem novas perspectivas de educação moral. Wilson, Williams e Sugarman (1967), são autores que trabalham em programas de educação moral, tendo em conta o problema do doutrinação. Eles consideram que as tentativas de transmitir qualquer tipo de códigos éticos, são espécies de doutrinação e que por isso devem ser reprovadas. As crianças deverão ser ensinadas a raciocinar em ética, assim como em matemática ou em história. Segundo estes autores, tal como existe um tipo de argumento matemático, também existe um tipo de argumento moral. Neste sentido, o programa de educação moral será um programa constituído por regras de procedimento, que tornarão possível disputar o jogo moral, independentemente dos princípios morais aceites. Tal programa, segundo estes autores, não poderá denominar-se doutrinação, uma vez que o seu propósito é encorajar as crianças a pesar a evidência, a considerar as consequências, etc.

A obra de Kohlberg (1963) e da equipa de Harvard, tem metas idênticas, embora não se note tão claramente a preocupação em evitar o doutrinação. Eles acham que é importante desenvolver um trabalho de intervenção na sala de aula, que vise elevar a qualidade do pensamento moral das crianças. Consideram que é possível desenvolver uma forma de educação moral que vá agir mais sobre a qualidade do pensamento do estudante do que sobre o conteúdo específico das suas crenças morais. O que se pretende é o desenvolvimento do raciocínio ou juízo moral do sujeito com vista à formação de um agente moral autónomo.

No tocante à educação religiosa, levanta-se a questão: será que podemos ensinar religião sem doutrinar?

Segundo Snook: «O "ensino da religião" como normalmente se compreende sugere a transmissão de doutrinas religiosas de maneira tal que os alunos as aceitam como verdadeiras. Muitos professores de religião julgariam ter fracassado a menos que o resultado fosse a crença firme.»()

Sem dúvida que este tipo de ensino seria doutrinação, uma vez que o educador tinha a intenção de fazer acreditar em algo, não obstante a evidência. Neste sentido, ensinar religião seria doutrinar, seria uma actividade condenável e até imoral.

Que poderemos fazer então?

Snook aponta várias saídas para esta situação: não ensinar religião; só ensinar quando a criança já tem capacidade para ponderar aquilo que ouve; transformar o ensino da religião numa "posição perante o mundo"; transformar o método ou o conteúdo. Somente as duas últimas soluções, são consideradas viáveis, por Snook, que acha possível evitar o doutrinação no campo religioso, se o professor, independentemente do seu próprio compromisso, ensinar com a intenção de que os alunos tirem as suas próprias conclusões com base na evidência.

Alguns teólogos modernos, ao mesmo tempo que afirmam que as proposições teológicas são declarações sobre uma ordem sobrenatural, insistem que estas estão ligadas à cultura. Elas reflectem as pressuposições da época em que foram formuladas. Tal como a língua encerra uma perspectiva cultural, o mesmo acontece com a linguagem religiosa, de tal forma que o professor de religião pode examinar as declarações religiosas em relação ao período em que foram elaboradas. Aqui não haverá doutrinação pois o professor poderá ser objectivo, transmitindo a atitude e a tentativa do homem dar resposta às questões fundamentais, não obstante respostas divergentes.

Vários teólogos e filósofos contemporâneos afirmam que «embora as declarações teológicas sejam realmente cognitivas, (isto é, dizem realmente alguma coisa), elas referem-se não a um mundo sobrenatural, mas ao mundo natural. São declarações sobre o homem e a sua busca de significado. Estes autores chamam a atenção para Jesus como personalidade histórica e para os Evangelhos como documentos existentes. As declarações sobre eles são significativas e verificáveis: a fé surge quando se toma uma posição perante a vida e a mensagem de Jesus.»()

Portanto, se a educação religiosa for feita no sentido de uma melhor compreensão do mundo, do homem e das suas questões fundamentais, não cairá no doutrinação.

No dizer de Alte da Veiga, «a educação religiosa, nas idades pré-críticas, deve ser tal que forme uma atitude positiva mas sem "dogmatismo", isto é, sem tornar rígido o pensamento, o que também dificulta o desenvolvimento ulterior. O conteúdo, portanto, tem que ser cuidadosamente escolhido, para suscitar interesse sempre crescente sem veicular ideias erradas ou facilmente distorcíveis. À medida que a criança pensa criticamente, o ensino da religião deve-se tornar cada vez mais "objectivo" e crítico. Já não se pode contemporizar com qualquer forma de doutrinação. Uma catequese didacticamente bem dada não pode excluir, na medida em que é um acto humano, o desenvolvimento gradual (isto é, "natural") da razão, tomando consciência das implicações de tal processo: domínio da lógica, exactidão, "virtudes racionais" e consciência da limitação que lhe é própria, simultaneamente com a abertura ao transcendente como acto racional.»()

O professor deve educar as crianças de modo a saberem enfrentar a vida real, o problema religioso deve ser colocado na vida real, de modo que os educandos tomem consciência da dúvida, da incredulidade, da oposição e dos fundamentos destas posições.

O educador suscitará nos educandos uma atitude religiosa positiva, que os levará a um conhecimento mais profundo de si próprios e de tudo o que os rodeia.

Feita deste modo, a educação religiosa não será doutrinação, mas poderá tornar-se uma força poderosa do processo educativo em geral.

2. A Manipulação Educativa

A educação que bem planificada realiza o homem e o faz crescer em liberdade, pode tornar-se num meio de domínio psicológico, sempre que é usada com finalidades alienantes e manipuladoras. Por vezes a educação tem sido acusada de manipulação, pois na própria ideia de "educação" está implícita a intromissão do adulto, no mundo da criança. «Evitar o doutrinação das crianças é utópico. Eles necessitam do determinado, do especificado, de uma cultura como estrutura suficientemente fixa de uma maneira peculiar de olhar o mundo. A cultura, em si, não é uma prisão.»() A

criança pelo simples facto de o ser está sujeita às aprendizagens calculadas e programadas pelos adultos. Para alguns autores, educar não consiste em colocar na cabeça das crianças o alfabeto ou a arte de somar, mas sim uma série de preconceitos que no futuro condicionarão todo o seu comportamento. «A escola é uma instituição social, que corre o perigo de coarctar a iniciativa pessoal do ser em desenvolvimento, pois toda a instituição social atende mais ao proveito colectivo do que ao pessoal.»() E a escola não parece ser uma excepção. Apesar de todas as alternativas libertadoras que surgiram no nosso século como: a educação personalizada, a educação para a liberdade, a escola de Summerhill, a escola anti-autoritária, etc. consideramos que não é possível educar, sem de certa forma manipular, principalmente nos primeiros anos de instrução.

No caso da instrução, a manipulação informativa é de certa forma doutrinação e encontra-se sobretudo no ensino da história, da formação cívico-política, da moral e da religião. A socialização pode ser outra forma de manipulação educativa, uma vez que socializar é assimilar regras de conduta vigentes no grupo social e adaptar-se convencialmente. Pela antropologia verificamos que não é possível humanizar sem socializar, como o testemunham os casos das crianças selvagens. A socialização pode tornar-se perigosa, quando se pretende preparar cidadãos submissos ao Estado, como no caso do sociologismo, nacionalismo e totalitarismo, todos eles lesivos da liberdade humana. O erro latente na socialização manipuladora é colocar a sociedade e os seus interesses acima do indivíduo quando deveria ser o contrário.

«Karl Jaspers, fiel aos seus princípios existencialistas que exaltam a liberdade, reprova todo o totalitarismo, porque este procura um modelo de homem, apto para o manejo político de um sistema concreto.»() Isto é de certa forma criar robots e não pessoas, uma vez que ser pessoa implica a liberdade.

Outra forma de manipulação educativa é a personalização, que pode ser controlada biologicamente ou ambientalmente, tal como pretendem os biologismos deterministas ou a análise experimental da conduta.

A moralização pode também ser considerada manipulação educativa no sentido em que contribui para a aceitação de normas, aquisição de costumes, responsabilização pelos actos pessoais, etc.

Educar, em resumo «é impor-se: o pai ao filho, o professor ao discípulo, o ministro ao cidadão, o catedrático ao aluno, o médico ao doente... A alternativa seria iludir tais ameaças. Não existe essa alternativa. Nascemos para ser "educados",

"educandos" e "educadores".»() Já que não podemos fugir à manipulação educativa, poderemos limitá-la. É difícil distinguir quando se está a manipular de quando se está a contribuir para o desenvolvimento da criança, assenta aqui a nossa ideia de doutrinação técnica. No entanto, a manipulação não deverá, no nosso entender, ir mais além do que o necessário, não esquecendo o respeito pelo aluno e a obrigação de criar seres autónomos e não robots.

Podemos considerar que a manipulação educativa será tanto mais dificultada, quanto mais se desenvolver a própria natureza humana, a liberdade do educando, a idade, o desenvolvimento cultural do educando, a insegurança filosófica ou científica do educador e o pluralismo político e axiológico.

Não se pode manipular, para anular ou destruir a consciência, o sexo, o sentimento religioso, etc. A natureza humana pode ser duplamente prejudicada, por um lado se se pisa, por outro, se deixa abandonada a si própria.

A liberdade é consubstancial ao ser humano e portanto não se pode educar, sem ter em conta a liberdade do aluno.

Quanto à idade, a ajuda educativa deve estar de acordo com o desenvolvimento típico de cada fase da vida do educando. Quanto mais capacitado estiver o educando para ser artífice da sua própria educação, tanto menos deverá o educador interferir. O desenvolvimento deve caminhar progressivamente duma heteronomia para uma autonomia cada vez maior do aluno. O educador deve ir preparando o educando para a liberdade. Na situação escolar, os professores destinam-se a serem dispensados à medida que os alunos avançam em idade. O professor vai "morrendo" à medida que o aluno vai afirmando a sua liberdade.

No tocante à insegurança filosófica ou científica do educador, verificamos que um professor incompetente pode manipular tanto ou mais do que aquele que sabe, porque pode ensinar como verdadeiro o que não o é de facto.

Relativamente ao pluralismo político e axiológico, deve considerar-se importante a liberdade de ensino, mas as ideias pessoais do educador não podem ser impostas ao educando como se se tratasse de fazer proselitismo na aula, pois teríamos coacção psicológica em vez de liberdade educativa.

3. Neutralidade e Educação

A neutralidade em sentido pedagógico, pode ter um significado próximo à não-directividade extrema, em que o professor não ajuda o aluno, é imparcial, se abstém de emitir juízos de valor, deixando-os descobrir a verdade por si próprios, sem os influenciar em nada.

«O neutralismo pedagógico elimina e ilude os aspectos axiológicos do processo educativo, pois o mestre não deve apresentar a sua escala de valores. O neutralismo pedagógico confunde o respeito à verdade objectiva com o respeito à integridade da pessoa humana. Sacrifica a primeira à segunda. Suprime o auxílio no processo educativo, para evitar que a simples ajuda se converta em manipulação. Com esta atitude permite que a verdade e a falsidade sejam colocadas ao mesmo nível. O neutralismo pedagógico postula que o aluno é livre para aceitar e fazer aquilo que desejar.»() No entanto, isto não nos parece assim tão linear, uma vez que para "despertar" o processo autónomo de educação, o aluno deve possuir um mínimo necessário de conteúdos.

O espírito secularizador, que marcou as últimas décadas, contagiou principalmente as camadas juvenis, que acabaram por se colocar numa posição arreligiosa, abstendo-se do compromisso pessoal em matéria moral e religiosa, onde se sente mais agudamente o problema da neutralidade. Apesar de muitas vezes o neutralismo aparecer mascarado sob a capa da liberdade, falseia a verdade e a liberdade.

Opõe-se ao dogmatismo, pois este é uma maneira fechada de pensar, independentemente da ideologia que tenha, caracterizando-se por uma perspectiva de vida muito autoritária e uma certa forma de intolerância em relação àqueles que possuem crenças diferentes. O neutralismo, pelo contrário, baseia-se na imparcialidade. A atitude neutral aproxima-se da democracia educativa, apesar de exagerar na indiferença, com o objectivo de não doutrinar, nem manipular a educação. O neutralismo político-educativo pode considerar-se uma consequência do neutralismo religioso, isto é como resultado de uma atitude cómoda e descomprometida.

Será possível ser totalmente neutro? Será bom? Parece--nos que não. O neutralismo pode ser uma utopia política, religiosa e educativa, segundo a área da sua aplicação e verbaliza-se em termos de "não intervenção", "não influência", "não

sugestão", "não ajuda", etc. E neste sentido podemos afirmar que: «o neutralismo é ilusório e irreal: tanto a positiva inclinação para defender a verdade, como a indiferente abstenção em pronunciar-se a favor ou contra são manipuladoras. Quem ensina uma doutrina religiosa confessional a uma criança, por mais que respeite a pessoa, não é neutral, manipula. E quem se inibe de a transmitir, também manipula, porque oculta uma realidade.»()

O ensino e a educação desenrolam-se num determinado meio ambiente e este de certa forma condiciona. Todas as condicionantes, por exemplo: o sexo, a idade, a estatura, a ciência, a opção religiosa e política do professor, etc., não podem ser anuladas e vão influenciar no desenvolvimento da aprendizagem e na personalidade, rompendo com a neutralidade e a indiferença. Ninguém se pode desenvolver sozinho, no vazio, sem influência. «Em conclusão, não há Estado neutral, não há escola neutral, não há professor neutral, não há padre neutral, não há sociedade neutral, não há moralização neutral. Tudo tem um apelido político, sexual ou religioso (...) O homem, a religião, a ciência, etc. não existem. Existe um homem, uma religião, uma ciência. O neutralismo é, portanto, impossível.»()

O verdadeiro mestre não pode iludir a busca da verdade, mas tem de se pronunciar a favor ou contra determinadas teorias ou hipóteses, caso contrário os alunos sentir-se-ão defraudados se descobrirem que o professor é indiferente à verdade ou ao erro. O respeito pela liberdade de opinião não implica o elogio do erro ou do vício, ainda que se possa ser tolerante em relação a eles. A tolerância não é neutralidade. Um dos objectivos principais da educação é o de ajudar os alunos a formar o juízo crítico e não levá-lo à indiferença, à ignorância e ao desinteresse.

Deve-se ter bem presente que o pluralismo é o oposto do neutralismo e do dogmatismo. O sistema democrático, por exemplo, fundamenta-se no pluralismo político, mas exige a informação dos cidadãos para que estes possam votar livremente. Do mesmo modo o professor deve optar por uma teoria educativa, não pode evitar a eleição, não pode ser neutral.

«Uma escola neutral seria uma escola amorfa e insípida; não se arriscaria a defender a disciplina, para não contradizer os partidários da libertação. Não se atreveria a recomendar leituras, nem livros, nem textos. Tudo seria de igual mérito e valor. E isto não é verdade.»()

A preocupação dos defensores da educação neutra parece ser a de garantir a liberdade e a criatividade da educação. No entanto, a educação enquanto processo educacional, não é neutra, nem na iniciativa, nem no percurso, nem nos resultados. O simples facto de uma sociedade tomar a iniciativa de ter um sistema educativo não é neutro. Mesmo que se utilize a educação de forma perversa, como no caso do doutrinação, por exemplo, verificamos que a pessoa não pode ser manipulada como coisa, pois para a manipular é preciso interferir prolongadamente no seu processo evolutivo de formação e transformação.

O processo educacional deverá ser um desenvolvimento pessoal, abertura e afirmação de possibilidades e potencialidades. Encurtar horizontes, restringir perspectivas ou recusar afirmações, será a negação da própria actividade educacional. Não parece poder haver educação neutra. Ou se toma partido pela abertura de horizontes e pelo desenvolvimento do educando, ou não se educa. Não é neutro, o simples facto de "fazer educação".

Podemos concluir que a educação é uma aventura, onde se correm riscos, porque é uma realização do homem na liberdade e na opção, mas é uma aventura que vale a pena, pois é a procura do modelo mais adequado de homem para cada momento e para cada cultura. Pressupõe uma antropologia e uma filosofia e nesse sentido poderemos dizer que é um compromisso com o passado, o presente e o futuro.

Capítulo IV

Educação e Liberdade

1. Educar para a Liberdade e a Autonomia

A aposta mais complexa e mais nuclear da educação moderna é sem dúvida educar para a liberdade e a autonomia. Por vezes não nos parece tarefa fácil, pois há a ameaça permanente do doutrinação.

A História da Educação está ligada à da própria Humanidade. A marcha do Homem na medida em que é consciente pretende ser uma caminhada de liberdade e de perfectibilidade. A pessoa humana em conquista permanente de espaços de liberdade, constitui o sujeito transcendente de todo o processo educativo e a autonomia pessoal é a consequência directa de todo um percurso de formação da personalidade humana. Educar não deverá ser doutrinar, mas sim ensinar a tomar opções livres e responsáveis, ajudar a desenvolver valores, consolidar convicções, permitir a formulação de critérios, etc.

«Educação e Liberdade, dois desafios conjugados que em síntese significam o mais extraordinário binómio de realização humana e contém a chave-mestra das respostas principais verdadeiramente portadoras de futuro.»()

A liberdade e a autonomia são imprescindíveis para a realização do ser humano. Estas duas vertentes da personalidade exigem um espírito crítico equilibrado, isto é, consciente das suas capacidades e limitações. Devemos fomentar no educando o espírito crítico, no sentido de este não aceitar qualquer asserção sem previamente se interrogar sobre o seu valor, quer do ponto de vista do conteúdo, quer da sua origem. Educar o espírito crítico é formar um pensamento aberto, mas fundamentado, capaz de encarar várias possibilidades, métodos e processos de avaliar o presente e perspectivar o futuro. Educar para o espírito crítico é educar para o pluralismo, isto é para o reconhecimento da possibilidade de soluções diversas para o mesmo problema, de interpretações diferentes para idêntico conceito ou realidade, de perspetivações dispares, de modos de vida, de pensamento, etc.

A educação deverá ajudar os seres que entram em relação, a interpretar, de forma profunda e coerente, a existência, a integrar-se eficazmente nela e a ter êxito na luta por manter o equilíbrio, a unidade e os fins pessoais face a um contorno que se apresenta exigente e desordenado. O educador não deverá ser um mero transmissor de

conhecimentos, mas sim, fonte de motivação e personalização em ordem a ajudar os educandos na aquisição e no desenvolvimento de conhecimentos, aptidões, hábitos e atitudes. Isto é a educação deve integrar, entre outros aspectos, a personalização, a socialização e o ensino.

A personalização deverá ser um processo dinâmico mediante o qual o indivíduo amadurece plenamente e se realiza, conhece melhor a sua personalidade e desenvolve integralmente as suas capacidades. Pela socialização a pessoa abre-se aos outros, pois é uma interacção apoiada na assimilação de normas e valores partilhados pelos membros da sociedade. No relacionamento entre personalização e socialização pode surgir o problema do pluralismo, e este pode levar ao separatismo político e conseqüente ruptura da sociedade nacional. A Lei de Bases do Sistema Educativo Português tem em consideração este problema e procura equilibrar dialecticamente os valores da personalização com os da socialização.

A Reforma Educativa portuguesa, tem como objectivos fundamentais:

- Democratizar a escola
- Incentivar a participação da comunidade
- Melhorar a qualidade da educação

Os princípios orientadores da Reforma visam uma educação para:

- A liberdade e autonomia
- A democracia
- A mudança
- O desenvolvimento
- A solidariedade

O grande centro da Reforma Educativa é o educando.

«Uma filosofia da educação que assente na pessoa do educando afirmará este como a realidade eminentemente digna e valiosa ao serviço da qual se ordena e realiza todo o processo educativo.

Ora a dignidade e o valor da pessoa humana reduzem-se a palavras vãs se não se reconhecerem como intrínsecas à pessoa a liberdade e autonomia. Pela liberdade, a pessoa determina por si mesma o seu comportamento face à vida, ou seja, sabendo o que deve fazer, escolhe por si o que faz realmente. Pela autonomia, a pessoa assume o

seu poder de autodeterminação estética, ou seja, a pessoa compreende-se como consciência moral apenas subordinada à lei que livremente aceita.

Portanto, os princípios superiores que presidem à educação são o da liberdade e o da autonomia.»()

A educação deve ser também educação para o desenvolvimento.

«A educação é um processo de crescimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento pessoal, actualizador das potencialidades do educando. Pela educação o poder-ser do educando chega realmente a ser.»()

O respeito pelo educando e pela sua especificidade está presente ao longo de todo o documento da Reforma Educativa.

«O respeito por cada cidadão é, no seu limite, o respeito pela pessoa que cada cidadão é. O nome mais perfeito da democratização é, no respeitante à educação, personalização.

A eminente dignidade da pessoa humana impõe absolutamente que cada educando tem direito ao seu pleno desabrochamento pessoal.»()

Um dos grandes objectivos da Reforma é o de que os alunos se desenvolvam e atinjam todas as dimensões da cultura. Defende-se o desenvolvimento integral do aluno e a ampliação do seu universo cultural.

Nos princípios organizativos da Lei de Bases podemos constatar esse interesse pelo desenvolvimento do aluno:

«Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade (...) Assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes da cultura (...) Contribuir para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos.»()

Nos textos da Lei de Bases insiste-se principalmente em alguns valores que nos parecem fundamentais: o respeito pelo outro enquanto diferente, a solidariedade responsável e o desenvolvimento das personalidades criativas. Cada homem é uma pessoa única que merece ser reconhecida e tratada como tal. Aqui radica a tolerância, a aceitação do pluralismo ideológico e político, a liberdade de opinião, de expressão, de crença, de associação, etc.

Em suma, a grande meta da educação é o desenvolvimento integral da personalidade humana e de todas as potencialidades do indivíduo.

«A educação é o meio por excelência de elevar o indivíduo à sua condição de pessoa humana, pois não há possibilidade de se desenvolverem personalidades humanas em isolamento. É a educação que vai permitir ao indivíduo abrir os seus horizontes e se sentir plenamente membro da comunidade humana mais ampla e não meramente um morador de uma vila mais ou menos isolada.»()

Neste sentido, o doutrinação não é verdadeira educação, pois conduz o indivíduo ao isolamento, não permitindo o desenvolvimento pleno da sua personalidade.

2. A Educação em Função do Conceito de Homem

Todo o sistema educativo obedece e se apoia em determinados princípios filosóficos em função da ideia que se tenha sobre o homem.

Basta passar uma vista de olhos pela História da Educação para confirmar esta verdade.

É clássica e universalmente conhecida a definição de homem como "animal racional". Durante muito tempo manteve--se a dicotomia no homem, depreciando-se a parte animal como fonte de vícios, de desordem e pecado, inimiga do homem e que era necessário dominar.

O mito platónico do Auriga confirma essa concepção pejorativa do "material", que se manteve durante muitos séculos. Por outro lado exaltou-se de tal forma a parte racional que se chegou ao extremo de definir o homem unicamente como inteligência. Daqui surgiu um conceito de educação que favorecia apenas a educação da mente, dando valor à memória e reduzindo-se ao desenvolvimento da faculdade de recordar, isto é de decorar. A inteligência não é só memória é raciocínio também.

A concepção de homem, que temos actualmente, leva a um novo conceito de educação, que é a Educação Personalizada. Hoje a educação não pode reduzir-se à transmissão e aquisição de conhecimentos, mas tem que abarcar a pessoa toda, devendo

ser uma educação integral, que responda às necessidades do educando, no sentido do desenvolvimento de todas as suas faculdades.

O conceito de educação teve uma evolução vertiginosa ao longo dos últimos trinta anos: da educação, entendida como educação escolar, até aos anos cinquenta, passamos à educação de adultos e desta à educação permanente, nos anos setenta, quando se chegou à conclusão que a educação deve ser concebida como um processo contínuo que interessa a todos os grupos etários. De facto «começou a reconhecer-se que a educação não devia ser somente um facto da juventude, mas obra de toda a vida. Permitir ao homem adulto, continuar a desenvolver as suas aptidões profissionais ou intelectuais, cultivar-se, aproveitar de maneira saudável os seus tempos livres.»()

Mas o conceito de educação continua a evoluir. Nos documentos de Tóquio e Nairobi aparecem elementos que permitem calcular o sentido desta evolução no decorrer da próxima década. A Declaração de Nairobi na última parte da sua definição fala-nos do homem como agente da sua própria educação que através dos processos educativos considerados como um todo vai procurar alcançar o pleno desenvolvimento da sua personalidade.

A educação é algo que faz parte do desenvolvimento humano e como tal pode ser perspectivada dum ponto de vista antropológico.

O novo conceito de educação, em função do conceito de homem, está em sintonia com o desenvolvimento humano, pois é a promessa do corte com o dogmatismo e com o imobilismo, abrindo caminho para a liberdade e a autonomia.

O homem, liberto da escravidão dos projectos traçados por outros homens é convidado a ser o autor e a realizar os seus próprios projectos. De objecto meramente receptivo, passa a sujeito activo no processo educativo.

A educação deve «ajudar a desenvolver as pessoas naquilo que mais as caracteriza como pessoas, isto é, no seu tomar consciência, no seu decidir livre e no seu relacionar-se interpessoal.»()

Toda a filosofia da educação deve ter presente, em primeiro lugar, a pessoa do educando, como realidade eminentemente digna e valiosa ao serviço da qual se realiza todo o processo educativo.

A educação é um processo de crescimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento, actualizador das potencialidades do educando.

«Pela educação o poder-ser do educando chega realmente a ser.»() Passa de potência a acto.

Só pela educação o homem pode alcançar o pleno desenvolvimento da sua personalidade.

A verdade só pode surgir de uma procura e de uma luta que cada um de nós tem que travar consigo próprio por sua conta e risco. Não é outro o sentido da sentença délfica invocada por Sócrates: "Conhece-te a ti próprio".

Pela educação, o homem aprende: a conhecer-se cada vez melhor, a valer mais, a ser mais, a delinear o seu projecto existencial.

Este novo conceito de educação é totalmente contrário ao doutrinação, pois quebram-se as cadeias da indiferença e do imobilismo, o educando torna-se o protagonista do seu próprio projecto educativo, não no sentido do individualismo, mas no sentido de fomentar a liberdade e a autonomia do sujeito.

3. O Perfil do Educador

Para além da consideração da personalidade do educando e em ordem à sua correcta formação, a educação para a liberdade e a autonomia tem necessariamente que ter em conta a pessoa do educador.

Ventos de mudança parecem surgir no horizonte da educação.

Que tipo de professor será necessário para que haja realmente uma lufada de ar fresco no ambiente educacional?

Falaremos do professor como profissional, como investigador e como educador.

Grande parte dos problemas e dos temas educativos conduzem a uma implicação dos professores, exigindo-lhes determinadas actuações, desenhando sobre a sua figura uma série de aspirações que se assumem como uma condição para a melhoria da qualidade da educação.

O professor, tal como qualquer outro profissional, deve ser expressamente preparado para o exercício das suas funções.

Assim, o professor deve possuir um conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade da sua profissionalidade.

«O conceito de profissionalidade docente está em permanente elaboração, devendo ser analisado em função do momento histórico concreto e da realidade social que o conhecimento escolar pretende legitimar; em suma, tem de ser contextualizado.»()

Com a evolução da sociedade a escola vai tendo um conjunto de funções cada vez mais alargado, do mesmo modo as aspirações educativas a que o professor deve dar resposta crescem de dia para dia.

Todo o professor deve ser um investigador. O estilo e as posições pessoais do professor no ensino, resultam da sua experiência, mas são também a consequência das suas atitudes e dos seus valores frente à vida e também do modo como vive as mudanças sociais que impregnam todo o seu trabalho.

«Na medida em que o professor é suficientemente flexível para aceitar suas incertezas, fazendo decisões alternativas, incorporando inovações e continuamente modificando seus desempenhos será ele capaz de ser uma influência benéfica para seus alunos e companheiros de jornada. Na medida em que o professor cristaliza posições, firma metodologias e unifica verdades, ele deixa de caminhar e, portanto de ser uma força no dinamismo das inter influências de que se forma o conjunto dos elementos que definem o ensino.»()

O professor deve ser alguém que levanta questões, que vai à raiz dos problemas, que não se detém no superficial. Deve procurar compreender todas as variáveis e o seu inter-relacionamento numa dada situação.

«Hoje os professores não podem limitar-se a exercer as suas funções como meros funcionários ou burocratas do sistema educativo mas como investigadores no exercício da própria profissão.»()

O verdadeiro pedagogo, é aquele que domina o seu campo de conhecimento, mas faz com frequência incursões pela vizinhança, isto é, nas diversas áreas do conhecimento que lhe são afins, uma vez que actualmente, já não existem conhecimentos ou áreas separadas, mas todas elas se inter-relacionam, pelo menos no nível operacional.

O professor deve ser por excelência o "questionador", o seu objectivo último deve ser o de tudo questionar, que é o oposto ao comodismo e à estagnação.

«Na perspectiva da educação permanente, o professor é responsável não apenas pela formação profissional dos seus alunos mas também e sobretudo pela sua promoção a seres adultos capazes de promover a sua auto-educação para além do período escolar e durante a vida toda.»()

Actualmente as funções da educação parecem estar em lugar de relevo em relação às funções da instrução. O professor mais do que transmitir conhecimentos, terá que iniciar e treinar os alunos para que aprendam a aprender, se tornem capazes de por si próprios organizarem o seu processo pessoal de aprendizagem ao longo de toda a sua vida, que adquiram hábitos de reflexão e de observação, que desenvolvam equilibradamente a inteligência, o sentimento, a vontade, o espírito crítico, inovador e criativo, a sensibilidade moral, social e artística, a liberdade, a solidariedade e a responsabilidade.

A tarefa educativa não se esgota no âmbito da escola. A educação é ilimitada no tempo, uma vez que o crescimento do homem nunca acaba.

A educação, deve ser uma educação personalizada que tende a converter-se num processo de auto-educação no qual joga um papel importante a presença dos outros, principalmente do pedagogo. Educamo-nos juntos. Contribuímos para a educação de nós próprios e dos outros.

O sistema educativo é cada vez mais complexo, envolvendo e dizendo respeito ao desenvolvimento do homem nas suas múltiplas dimensões. O educador deve ter uma visão da globalidade do processo educativo. Quanto ao seu perfil deverá ser um bom profissional de educação, um investigador e sobretudo um educador, no sentido de conseguir criar condições para despertar nas pessoas o processo de análise, de reflexão, de crítica, de questionamento.

O professor não será aquele que se sente responsável por conduzir o processo de ensino, marcar objectivos, definir, programar, avaliar e classificar, mas sim aquele que ajuda o aluno a criar condições para que se treine e se torne capaz de marcar o rumo, orientar, avaliar e auto--regular o seu processo de adaptação, crescimento e realização pessoal.

O professor deve estar ao serviço do aluno, enquanto projecto de homem. «Cada professor poderá ser, de certo modo, um mestre.»() Um mestre, no sentido de não se deixar cair no doutrinação, mas sim que contribua para que os outros se transformem em discípulos da verdade através dos caminhos da cultura e da competência.

A educação para a liberdade e a autonomia exige, entre o educador e o educando, uma relação afectiva positiva, uma empatia querida e aceite. «O mestre realiza-se a si próprio no amor com que se adapta ao educando, com que desce ao nível da sua compreensão, na alegria com que ensina, por mais humilde que pareça esse acto. É preciso falar da importância do amor em educação. De facto, amor é em si mesmo adulez, é a perfeição da pessoa que se comunica. Nomeadamente, a criança torna-se adulta na medida em que o amor vai unificando, na diversidade, as suas manifestações vitais enquanto relação pessoal. Por isso se pode dizer que ensinar não é tanto uma profissão como uma atitude: estar sempre disposto a facilitar aos outros oportunidades de instrução e educação.»()

Educar é de certa forma amar, e o amor é abertura aos outros, é o contrário do doutrinação que é egoísmo, fechamento, isolamento.

Sebastião da Gama, partilhava da convicção que educar é amar, por isso escolhemos este autor como exemplo de não doutrinação e de verdadeiro pedagogo, e vamos analisar a sua obra na segunda parte do nosso trabalho.

Segunda Parte

O Pensamento Educacional de Sebastião da Gama

Capítulo V

Vida e Obra de Sebastião da Gama

1. Biografia

Sebastião Artur Cardoso da Gama nasce em Vila Nogueira de Azeitão, a 10 de Abril de 1924 e vive a sua infância no Portinho da Arrábida.

Desde muito jovem que canta a canção da vida. É um poeta atento a tudo que a natureza lhe quer segredar.

Poeta na vida, nas acções, nos gestos e nas palavras, tal como o foi na sua obra literária.

Para Sebastião da Gama viver é amar. Amar numa dádiva total. Foi esta a convicção que marcou a sua pedagogia de poeta e professor.

A sua obra plena de mistério lê na natureza como num livro.

Sebastião amava apaixonadamente a beleza da Arrábida de quem sabia todos os segredos. Gostava de penetrar na mata do solitário e de ouvir o murmurar das folhas envolvidas pelo vento. Também o mar o fascinava. Gostava de subir ao monte Abraão e de se isolar na Pedra da Anicha. É de notar também o seu amor pelas flores, pelas crianças e pelos animais.

A solidão da serra foi indispensável para a criação de alguns dos seus poemas. No entanto, Sebastião não era um homem solitário, ele sentia uma necessidade imperiosa de se aproximar dos outros homens e fazia-o sem reservas. Era espontâneo, franco, estabelecendo rapidamente contacto com todos os que o rodeavam.

Nas cartas para a sua noiva, que são uma espécie de diário, podemos conhecer melhor a sua personalidade. Se por um lado se revela extrovertido, em certas horas exaltando de alegria, sempre atento aos outros, principalmente aos mais humildes, por outro lado, por detrás do homem comunicativo e brincalhão, há outro, que sofre interiormente as agruras de medos e pavores que só Deus consegue serenar. É assim que se define em «dia-noite» ao confessar-se a sua noiva:

«Tenho tanto medo, Joana Luísa! Sou tão barro 200 dias por ano! Este medo me levou a calar-me tanto tempo. Gosto de dar mais do que prometo; saber-te a saber que sou dia claríssimo de um lado - e então sou todo Amor, Ternura, Folhado, beijo as crianças e olho as coisas belas com o olhar pleno e limpo de um Cristo; mas do outro,

sou noite escura. Não a minha noite da Serra, verdadeira, com Estrelas e com sonhos, com aparições súbitas da Menina, mas aquela trágica noite pintada pelos literatos, que mete medo aos meninos. Ora o meu lado-noite é o mais constante e o mais presente; e é precisa a muita força de um Deus que eu conheço e amo para não desesperar (...)»()

Deus é uma presença constante na vida de Sebastião da Gama, uma força que lhe dá alento para continuar a lutar pela vida.

Sebastião da Gama é profundamente crente. Desde os primeiros versos de Serra-Mãe, que se declara possuído de inspiração, mas esta é algo que lhe vem de Deus, pois ele considera-se instrumento de Deus, por Ele manejado:

«Cá estou eu a julgar que vou remando...

Cá vai Deus a remar

e eu a ser um remo com que Deus

rasga caminhos pelo Mar...»()

Há nos poemas de Sebastião da Gama um certo misticismo e franciscanismo. O poeta parece rezar com os sentidos, a natureza fala-lhe de Deus, ele encontra a Beleza Divina incarnada nas coisas.

Deus, a Serra, a Poesia, são elementos essenciais no viver de Sebastião da Gama, não esquecendo a generosidade, a ternura e o amor com que olha os outros. No dizer do poeta "o maior mal" não é ter nascido, nem sequer morrer: mas viver e não amar. E toda a sua vida é repleta de amor. Ele é um homem de coração grande, onde há amor para todos, não havendo por isso menos amor para a sua noiva Joana Luísa, com quem veio a contrair matrimónio no dia 4 de Maio de 1951 no convento dos frades, na Arrábida.

Sebastião da Gama estudou na Faculdade de Letras de Lisboa e apesar de ter problemas de saúde, foi sempre um aluno exemplar, como testemunha o seu professor Hernâni Cidade: «(...) estudantinho atarracado e risonho de olhos crepitantes e leais, expressivos duma alegria que se adivinhava emanada do mais fundo de uma alma equilibrada e clara enamorada de vida, à qual parecia nada pedir senão que se deixasse amar em sua natural beleza e intrínseca bondade. Era doente e parecia desde muito cedo condenado a viver vida breve, como relâmpago na cerração. Para o curar tinham-se os Pais estabelecido com pensão, no Portinho da Arrábida; e matriculado como estudante

voluntário na Faculdade de Letras, de Lisboa, onde o tive como aluno, frequentava-a com assiduidade exemplar, tanto mais para surpreender, quanto se poderia esperar lhe quebrassem a debilidade do corpo doente e a natural boémia da alma de poeta. Assiduidade exemplar na frequência, exemplar cuidado na preparação das provas, que não foram sem brilho.»()

Pensar que Sebastião da Gama era um poeta apenas por obra e graça da "inspiração" seria um erro, pois além de artista ele era um homem culto, como afirma o seu amigo David Mourão Ferreira: «Por mim, recordarei apenas, a título de testemunho, que lhe fiquei devendo a iniciação na obra de muitos poetas espanhóis contemporâneos. Como António Machado, Rafael Alberti, Juan Ramón Jiménez, Pedro Salinas - , numa altura em que só a poesia de Lorca nos era familiar; que foi ele a primeira pessoa a falar-me em Hölderlin e em Novalis; que ninguém, antes dele, me fizera ver, com tanta clareza e tanto entusiasmo, a beleza dos Sonetos de Petrarca, a grandeza da Commedia de Dante.»()

A nível profissional, Sebastião da Gama optou pelo ensino. Iniciou a sua actividade de professor efectivo, em Estremoz, onde deu provas de excelente pedagogo, deixando--nos no seu Diário, verdadeiras lições.

Na revista *Aqui e Além* (1945-1946), Sebastião da Gama ensaia os primeiros passos no campo da literatura. Nesta revista, a par de escritores no apogeu da sua carreira, como António Sérgio, Vitorino Nemésio, José Régio, Pedro Homem de Mello, Cabral do Nascimento e Manuel da Fonseca, colaboram também outros mais jovens como Joel Serrão, Jacinto Prado Coelho, Matilde Rosa Araújo, Luís Lindley Cintra, David Mourão Ferreira, José Aurélio e outros. Ainda estudante do liceu, Sebastião da Gama publica nesta revista dois poemas, que mais tarde serão incluídos no seu primeiro livro *Serra-Mãe*, que surge no início do seu curso na Faculdade de Letras de Lisboa.

No seu trabalho literário, podem contar-se várias obras, umas publicadas pelo autor, como é o caso de: *Serra--Mãe* (1945), *Cabo da Boa Esperança* (1947) e *Campo Aberto* (1951), e outras que apareceram postumamente, e que são: *Pelo Sonho É Que Vamos* (1953), *Diário* (1958), *Itinerário Paralelo* (1967), *O Segredo É Amar* (1969) e *Cartas I* (1994).

Em 7 de Fevereiro de 1952, chega a seu termo a aventura poética e humana de Sebastião da Gama, que parte para a presença de Deus. O mundo ficou mais pobre sem

o poeta, mas a sua Poesia e Pedagogia permanecerão e florescerão entre os homens como testemunho de Beleza, de Amor e de Esperança.

2. Obra

2.1. Serra-Mãe

Os poemas que viriam a formar Serra-Mãe foram quase todos escritos na Arrábida, inspirados pela beleza da serra.

O gosto pela poesia terá surgido em Sebastião desde muito jovem. Ele gostava de ler poesia, principalmente dos autores: José Régio, António Nobre, Sá Carneiro, Miguel Torga, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Junqueiro, Antero, Gomes Leal e Florbela Espanca.

Alguns poemas de Serra-Mãe parecem ter tido a influência dos poetas, Sá Carneiro, António Nobre e José Régio, a que Sebastião denomina "Mestre Régio".

Sebastião da Gama amava apaixonadamente a Arrábida. A beleza daquele lugar e o seu isolamento que proporcionam um certo clima de meditação e contemplação, tiveram uma influência decisiva na sua vida e na sua poesia.

Os poemas de Serra-Mãe foram escritos entre 1943 e 1945 e marcaram a primeira fase da poesia de Sebastião da Gama.

Em Serra-Mãe podemos encontrar dois tipos de poesia: uma que tem por base a vida interior do poeta, outra que é a exaltação da mãe natureza.

A primeira fala do drama íntimo do poeta, da sua dualidade interna, da ânsia de cumprir uma missão para a qual se sente chamado.

Profundamente crente, Sebastião da Gama sente-se instrumento de Deus, por Ele inspirado, como podemos ver logo no início de Serra-Mãe, em que ele nos revela:

«A corda tensa que eu sou,
o Senhor Deus é quem
a faz vibrar...

Ai linda longa melodia imensa!...

- Por mim os dedos passa Deus e então

já sou apenas Som e não

se sabe mais da corda tensa...»()

O sentimento religioso do poeta pode notar-se também nos poemas: Diário de Bordo, Harpa, Oração da Tarde, Ressurreição, Em que se fala do Menino Jesus, A um Crucifixo, Oração de todas as Horas, Presença, Aceitação, Vontade, Rebentação. Alguns destes poemas tomam a forma de orações e hinos. Em Harpa, o autor sente-se chamado por Deus, é o seu instrumento, mas por vezes sente receio de não saber cumprir a missão:

«Olha Senhor!,

o indigno cantor que Tu fadaste

e se não pode erguer

à sua própria altura!...

- Virgem das minhas mãos, a Harpa acende

novos brilhos no Sol, traduz em cor

a saudade dos sons que não desprende...

Tu a fizeste, Deus!, para os meus dedos;

a glória do Teu gesto criador

Tu a quiseste partilhar

na glória quase igual de o entender.

E foi com Teu amor que retesaste as cordas,

com Teu amor as afinaste
e me chamaste
à tarefa sublime de tangê-las.

(...)

Ai o cantor indigno que fadaste!...

Ai que a grande Vibração,

se o não redimes,

estéril morrerá...»()

Em *Oração da Tarde* o poeta descobre Deus nas maravilhas da natureza, que considera um louvor ao Criador:

«Ao crepúsculo, a Serra é Catedral
onde o órgão - Silêncio salmodia.
A própria Luz ergueu «Ave-Maria»
e o Mar tomou as cores de um vitral.

Tudo sente o Senhor e se extasia...

O sol queimou os matos, pelo val',

e desprende incenso, Espiritual,

é mãos-postas a rude penedia.»()

No poema *Ressurreição*, o autor fala da presença de Deus na sua vida:

«Senhor!

Eu bem Te vejo, apesar

da escuridão!

Inda me não tocou a Tua Mão,

mas bem na sinto, bem na sinto em meus cabelos,

numa carícia igual a um perfume ou um perdão.»()

Em Oração de Todas as Horas, o poeta pede a Deus que não o abandone, que continue presente na sua vida:

«Agora,
que eu já não sei andar nas trevas
não me roubes a Tua Mão, Senhor,
por piedade!
Voltar às trevas não sei,
e sem a Tua Mão não poderei
dar um só passo em tanta Claridade.»()

Alguns poemas denotam o drama interior de Sebastião da Gama, que por algum tempo se julga abandonado por Deus, pela Voz que o chamava e o guiava. São exemplo desse estado de alma, os poemas: Rebentação, Versos quase tristes, Vontade, Teimosia, Cortina.

No poema Vontade, o poeta implora a Deus que volte a dar-lhe força:

«Senhor!
Se não gostas que eu grite e que eu proteste
Pedindo-Te a minha força,
que levaste,
dá-ma.»()

Em Rebentação, a voz do poeta é um grito de súplica, ele pede a Deus que volte a fazer sentir-se na sua vida:

«Ai tem dó de mim, Senhor!
Se não é a voz a revolta
eu também sei humilhar-me

e sei pedir-Te perdão.
Deixa-me ser o Teu cão
(que é subir, descer por Ti)
se a mais não devo elevar-me,
mas aparece, mas vem...»()

Podemos ainda encontrar um outro tipo de poesia, em Serra-Mãe, que é a exaltação da mãe-natureza, em que Sebastião da Gama vai ser o revelador e o cantor das coisas belas que encontra à sua volta, tentando eternizar os momentos de fugidia beleza, em risco de se perderem para sempre.

O Mar e a Serra sempre fascinaram o poeta que canta as suas belezas.

Em Versos ao Mar, o poeta sente o barulho das ondas que o embalam:

«Ai!,
o berço da tua voz,
e esse jeito de mão que tens nas ondas,
Mar!»()

No poema Serra-Mãe, o autor fala da serra da Arrábida, como sua mãe:

«Chego a julgar a Arrábida por Mãe,
quando não serei mais que seu bastardo.

A minha alma sente-se beijada
pela poalha da hora do Sol-pôr;
sente-se a vida das seivas e a alegria
que faz cantar as aves na quebrada;
e a solidão augusta que me fala
pela mata cerrada,
aonde o ar no peito se me cala,

desceu da Serra e concentrou-se em mim.»()

Em Versos para eu dizer de joelhos, o poeta sente a serra como noiva, como irmã, como amante.

O problema da morte é focado por Sebastião da Gama nos poemas: Elegia para a Minha Campa, Versos da Menina Morta, Romântico, Cortina.

Em Romântico, nota-se a tentativa do autor agarrar a vida que se apresenta fugidia, ele quer saborear a vida até ao último momento, tal é o valor que lhe atribui:

«Olha,
quando vieres, Morte!,
não venhas sorrateira.
Quero sentir-te bem;
levar bem nítido, nos lábios,
o travo do teu beijo...

Chorem os outros, Morte!, a dolorida
minha hora final.
P'ra mim, que bom saber até ao fim
a que é que sabe a Vida!...»()

No poema Cortina, verificamos que o autor não teme a morte corporal, mas a morte da poesia:

«Que a Morte, quando vier,
não venha matar um morto.
Quero morrer em pujança.
Quero que todos lamentem
a ceifa de uma esperança.»()

Em Serra-Mãe podem também encontrar-se alguns poemas de amor.

No Pequeno Poema, o autor fala do amor da sua mãe:

«Quando eu nasci,
não houve nada de novo
senão eu.

As nuvens não se espantaram,
não enlouqueceu ninguém...

Para que o dia fosse enorme,
bastava
toda a ternura que olhava
nos olhos de minha mãe...»()

Em A Meus Irmãos, Sebastião da Gama afirma a sua solidariedade para com os seus irmãos - os homens:

«Batam-me à porta
os que andam lá por fora, à neve;
batam
os que tiverem frio ou sede;
os que sintam saudades de um carinho;
os desprezados;
os que há muito não vêem uma flor
e encontram só poeira no caminho;
os que não amam já nem já os ama
ninguém;
os esquecidos de como se sorri;
os que não têm Mãe...

(...)

Batei à minha porta, Irmãos,
entrai,
que eu tenho Amor para vos dar...»()

2.2. Cabo da Boa Esperança

Cabo da Boa Esperança é o segundo livro de Sebastião da Gama.

O poeta inicia esta obra afirmando que não se importa que os seus versos sejam tomados por chaves falsas, pois estes abrem-lhe portas verdadeiras.

Os versos são chaves que abrem portas verdadeiras, embora possam parecer fingidos (aqui fingimento em sentido estético), os versos punham-no em contacto com uma vida verdadeira, mais bela, mais maravilhosa. Estas chaves são símbolos, aderentes à vida, que a transfiguram em poesia.

Também nesta obra, Sebastião da Gama fala da natureza, está atento a tudo que o rodeia, mas ao mesmo tempo vai revelando o seu universo interior.

No poema que antecede as seis grandes partes do livro e que são: Alvorada, Janela Aberta, Calmaria, Pecado Original, Coração Atento e Maré Alta, o poeta vai avisando que a vida traz uma certa flor de tristeza:

«Nunca fala da Vida
sem que entristeça...

- Mas as flores que morrem
nascem outra vez...

(...)

já ninguém se lembra,/quando é Primavera...»()

Apesar desta angústia inicial, o poeta não é um homem vencido, mas alguém que vai lutar pela vida. Em Alvorada ele canta:

«Lembro discretamente o vago instante,
no fundo da minh'alma acontecido,
em que todos que tinham desistido,
de não sei que batalhas malogradas,
pegaram novamente nas espadas,
dispostos a vencer ou a morrer...»()

É um homem disposto a vencer ou a morrer, não é um homem derrotado.

Que navegador é este de Cabo da Boa Esperança?

Não é um homem só, numa terra prometida e sonhada, mas alguém solidário com os outros homens, atento a tudo que o rodeia.

Ele vai ser o poeta das manhãs fecundas que vai cantar o Mar.

Em Canção Inútil, o mar não é mera paisagem azul que se contempla, mas inquietação e ternura a palpitar de vida:

«Nunca o Mar me quis ter nas suas ondas
enrolado e perdido.

Sou o Poeta das manhãs fecundas:

vivo me quer o Mar, para cantá-las.

(...)

É o ar da Manhã, hálito alegre

do Mar, que enfuna as velas orgulhosas

desta canção poético-marítima.

Religiosamente aqui desfio

meu rosário de vagas.

Canção inútil!

Clarim que anunciou a Madrugada

depois de a Madrugada ter florido...»()

O mar é murmúrio de uma paisagem interior que se revela ao poeta.

Em Largada o autor afirma que lutará com coragem pelos seus direitos de moço, para isso não basta a esperança, mas sim um ar firme e decidido nas palavras e nos passos.

Na Defesa fala do Sol como algo que lhe dá força e saúde, o sol como fonte de vida:

«O Sol é meu e dos meninos ricos...

(...) Sou moreno, sou forte, porque o Sol me quer assim.»()

Na Canção da Guerra confessa-se fraco e covarde, por isso quer encontrar «gente animosa que olhe de frente a Vida, que faça medo à Morte.»() Estes versos revelam luta, vontade extrema de vencer incertezas e medos.

O problema da morte é algo que aparece frequentemente nos poemas de Sebastião da Gama, talvez devido à sua natureza débil. Ele tem consciência que esta paira sobre a sua vida como uma ameaça, causando-lhe uma certa amargura. Então o poeta descobre que a vida não é tão bela como parece, mas ele quer-lhe mesmo assim. O seu amor pela vida derrama-se pela serra e por tudo o que o rodeia; objectos desse amor são: a Mãe, a Noiva, os amigos vivos e os que já partiram, os animais, as flores, os ladrões, as meninas tontas, o mar.

Ele tem um segredo, o seu segredo é Amar, é essa a chave para abrir as portas verdadeiras:

«Ah!, bem parece que o Amor melhora

quanto a graça de Deus não fez bonito.

Há lá coisa mais linda do que um grito

quando foi o Amor que o pôs cá fora!...»()

É o amor, o que no dizer do poeta transforma as coisas e as torna belas. E vai ser o amor o segredo da sua pedagogia.

Em Janela Aberta, Sebastião da Gama vai descobrir-se a si próprio na beleza que o rodeia:

«Minha alma abriu-se...

Que linda janela

que é a minha alma!

Não!, linda não é ela:

lindas são as vistas

que se avistam dela.»()

E a sua alegria vibra na Canção da Felicidade: a taça está cheia, pois à sua vida não faltava nada:

«Não pedia Estrelas,

não pedia flores,

não pedia amores

porque os tinha já.»()

Nada pede, porque já tem tudo. Talvez só lhe faltasse "uma rosa" para ser feliz.

Foi estudante, aprendeu tudo, mas tudo desaprendeu. Mas que desaprendeu ele? O desaprender que torna os homens livres para "perderem tempo". E o poeta diz-nos de uma maneira poética, o que é a educação:

«Aprender, aprendi tudo,

mas tudo desaprendi.

Perdi o nome às Estrelas,

aos nossos rios e aos de fora.

Confundo fauna com flora.

Atrapalham-me as parcelas.

Mas passo dias inteiros

a ver um rio passar.

Com aves e ondas do Mar

tenho amores verdadeiros.

(...)

Conheço mais de mil flores.

Elas conhecem-me a mim.

Só não sei como em latim

as crismaram os doutores.»()

Esta ignorância de que fala Sebastião da Gama é um desaprender, não no sentido de nada saber, mas é mais um silêncio, o silêncio do que vem nos livros, para escutar a lição da natureza, como verdadeira sabedoria. De que vale saber muitas coisas, muitas teorias, se não se souber viver? Aqui Sebastião da Gama dá especial relevo ao "saber ser", que ele considera mais importante do que possuir muitos conhecimentos.

Mas esta alegria do autor, por vezes é ensombrada, chama-o uma "Voz do Crepúsculo", será a Morte?

«Se fosse a Morte,

que linda morte ela me dava!...

Baixava as pálpebras, sorria...

Deixava as sedas afagarem

meu corpo jovem...

E assim, sem lágrimas, sem velas,

e sem caixão, sem flores, sem cruz,

só eu sabia que morria,

mas vagamente, meigamente,

qual uma seda a destingir-se

ou uma síncope da Luz...»()

Intuição, pressentimento de uma vida breve? A ameaça da morte adivinhada paira nos versos de Sebastião da Gama e neles incarna; ora é a morte verdadeira de um amigo, ora é uma melodia vaga que o chama.

Na Ode a um Amigo Morto, que dedica a dois amigos da Faculdade, a morte não aparece apenas como temida, mas real:

«Faltava-lhe a morte
para ser completo.
A taça estava cheia.
Faltava-lhe a pétala
da rosa
para transbordar.
(...)
Completo, só ele,
que morreu sereno
como quem o sabe.»()

O autor pressente de certa forma que a sua vida não será longa, mas aceita isso com coragem. E os seus medos e incertezas depressa desaparecem e a sua alma é dominada por sentimentos de amor e de paz, pois ele descobre o sorriso de Deus:

«Deus sorri..., Deus sorri...
É um sorriso triste, às vezes... A uns é um sorriso triste...
É um sorriso alegre, a outros, de outras vezes...
Feliz o que o puder aperceber, o sorriso de Deus.»()

Neste poema podem vislumbrar-se reminiscências de S. João da Cruz. Deus sorri e o sorriso de Deus torna tudo mais belo para o poeta.

Depois Sebastião fala da serra, do mar, das flores do mato e das sereias, dos cavalos, dos grilos e das estrelas.

Mas mais presente que tudo surge um grande silêncio que fala mais do que as palavras:

«Enchi minhas palavras de silêncio
e pela vez primeira nesta vida
teu coração rebelde as entendeu...»()

A poesia surge e o poeta apercebe-se de que num momento tudo ganhou sentido.

Sente-se deslumbrado com as crianças, talvez por isso tenha escolhido ser professor.

Em Madrigal, Sebastião da Gama vai falar de uma história simples, uma história de amor:

«Era uma vez uma flor.
Nasceu à beira de um Poeta...»()

Há aqui um antropomorfismo, em que a flor representa a bem-amada do poeta.

A poesia de amor de Sebastião da Gama é límpida e serena, contemplativa.

Recebe o amor como uma "Dádiva":

«Coisa nenhuma
foi tão verdadeira
como a tua alma
quando tu ma deste.

Deste-ma inteira...

Tua mão, que a dava,
nem me perguntava

se eu a merecia.
Dava-a e sorria
como quem recebe.»()

Em Lírica podemos verificar como Sebastião da Gama considera os outros importantes na sua vida:

«Sou feio, sou feio...
Quem gosta de mim?
(...)
Não gosto de ver-me
senão nos espelhos
dos olhos, das falas
dos outros.
(...)
Sou lindo, sou lindo,
se tu me sorrís...»()

O poeta sente-se amado por aqueles que o rodeiam e então sente-se "lindo" porque é feliz.

A "doença" aparece nos seus poemas em Hospital, Sebastião fala da ternura das visitas:

«Quando vem alguém
não há hospital.
Há doces, há livros,
notícias da rua/conforto de Amigos.»()

São breves momentos que dão alento à vida, pois quem não tem visitas é:

«(...) flor esquecida
morrendo..., morrendo...,
num jarro sem água!»()

Maré Alta é a última parte de Cabo da Boa Esperança, em que o autor estabelece um certo diálogo com Deus.

Na Lenda das Sete Chaves, Deus fechou a porta do céu a sete chaves, talvez para poder ajudá-lo a procurá-las.

Depois fala de Cristo, o quarto do poeta tem quase dois mil anos porque tem um Cristo à cabeceira, que não ficou morto no calvário, mas ficou no seu quarto à espera do momento em que o poeta lhe peça perdão.

Para Sebastião da Gama:

«Hoje Deus é Verdade!
(...)
Hoje Deus é verdade!
Não é mais a imagem na parede
(...)
Hoje Deus é verdade como o Sol!»()

Não é um Deus, imagem na parede, que ouve, por convenção as nossas mágoas; que tudo pode, tudo quer e tudo faz, mas um Deus que é verdade como o sol. O sol, bênção para o poeta e para todos os seres vivos.

Mas até a Verdade nos pode abandonar e em Tentação, o poeta sente-se abandonado por Deus e diz:

«Deixou-me Deus sozinho a este canto.»()

O poeta sente-se sozinho, falta-lhe o apoio e o calor do amor de Deus, o Deus que ele conhece Bom e Justo. E é então que Deus lhe aparece, mas um Deus totalmente outro, desconhecido, um Deus que ri, salta, dança, cheio de maldade, troça e cinismo, que faz da fé do poeta o seu brinquedo.

É à ovelha que Deus aparece depois, com seu silêncio grávido de Revelação. Deus vem com seus olhos serenos e a ovelha segue-o.

Cabo da Boa Esperança termina com o poema Maré Alta que é um cântico de entrega total do ser do poeta a um ser que vive e que ele próprio sente na sua vida. Ele deixa de estar sozinho pois Deus já não o abandonará:

«- Vive Deus, que O estou vivendo

nestes lábios com que choro

e nos olhos com que eu olho.

Quantas luzes se acenderam,

não sei se dentro de mim,

não sei se à volta de mim!

(...)

Não me talhes outra sorte,

meu Deus!

Se é isto morte, que eu morra

(...)

Se é isto vida, que eu viva.

(...)

A mim, Senhor! que não quero

senão querer o que queiras,

(...)

toma a minh'alma... Desfolha-a

como se fosse uma rosa...

Ou rasga-a

como a papel que não presta...

Ou torce-a entre os Teus dedos...

Faz'dela quanto quiseses

mas que perceba que és Tu,

quem a esfolo, ou torce, ou rasga...

Faz'dela quanto quiseses.»()

É com este abandono total nas mãos de Deus, que o autor termina esta obra.

Há neste poema, confundidas com a voz do poeta, as vozes dos místicos espanhóis, de Santa Teresa e de S. João da Cruz.

Ao longo de Cabo da Boa Esperança nota-se uma progressiva interiorização que vai atenuando o pendor narrativo-descritivo do poeta. A contemplação da natureza leva-o à meditação da Beleza que se oferecia aos seus sentidos, Beleza que era sinal da Beleza de Deus incarnada nas coisas. Depois de rezar com os sentidos, Sebastião entrega-se àquele Deus cujo nome começara a descobrir na serra.

2.3. Campo Aberto

Na vida de Sebastião da Gama não houve fronteiras entre o labor do homem e o labor do poeta. Encarava a vida poeticamente.

Campo Aberto é o terceiro livro de versos de Sebastião da Gama. Nota-se uma certa evolução na sua poesia. A sua experiência poética encontra-se amadurecida.

Começa esta obra afirmando que:

«Tudo frutificou: o campo estava aberto,

deu conchego e raiz a todas as sementes.»()

Humanamente tudo se cumprira, estava aberto e fecundado o campo da sua vida, as boas sementes tinham frutificado. Esta obra contém poemas dos anos de 1947 a 1950 e é a última publicada em vida do poeta. As obras Pelo Sonho É Que Vamos, Diário e Cartas I, são póstumas.

A obra Cabo da Boa Esperança é no dizer de David Mourão Ferreira: «um hino à vida, uma enredada e complexa exaltação de valores existenciais» e «sobretudo, uma aprendizagem mística da Morte.»() Ao longo desta obra, o poeta vai meditando e aprofundando o tema da morte. Em Campo Aberto o tema da Morte continua a ser tratado, sendo projectado nas coisas e nos seres, tornando-se de certa forma impessoalizado. Podemos ver isso nos poemas Elegia para uma Gaiivota e em Alegoria, por exemplo:

Elegia para uma Gaiivota conta uma morte simples e serena:

«Ela vai, sereninha e muito branca.

E a sua morte simples e suavíssima

é a ordem-do-dia na praia e no mar alto.»()

Em Alegoria, fala-se de uma cigarra que canta, canta até morrer:

«Tremeluzem os Astros no céu nítido:

Dona Cigarra faz serão.

Como há-de ela dormir, se a vida é curta?

-: Cigarra que se preza, quando morre

não deve estar a meio da canção.

Ninguém pára a saber por que é que canta.

Ninguém lhe dá ouvidos nem conforto.

Melhor, assim: assim, não perde tempo

quem não pode cantar depois de morto.

A parte que lhe coube por destino,

tem de morrer deixando-a já cantada.»()

Esta canção da Cigarra parece ter sido a canção que entoava Sebastião da Gama na sua vida, cantou a Vida, a Beleza e o Amor, nos seus poemas, pois tinha consciência de que a sua vida seria breve e apesar da doença sempre aparecia às pessoas bem disposto e sorridente, transmitindo as suas alegrias e projectos, encarando a vida poeticamente e desfrutando dela o melhor possível.

A própria doença, que o vitimou, considerou-a como um benefício que lhe permitiu estar isolado na Arrábida, a ouvir os sons do silêncio que falam mais do que as palavras e fazem nascer a poesia.

No tocante ao problema da morte, Sebastião da Gama, aproxima-se de certa forma a Teixeira de Pascoaes. «Pascoaes ligou ao pressentimento da perenidade do homem as ideias da dor e da morte entendidas como condição do caminhar do homem para a eternidade.»()

A Morte era para Sebastião da Gama uma ameaça, um receio, algo que lhe roubaria tudo quanto amava na vida, mas ao mesmo tempo era libertação, encontro com Deus e plenitude. «Pascoaes acreditou vivamente na vocação do homem para o infinito, na sua ânsia de ser para sempre, a qual era, para ele sinal da orientação estrutural do homem para Deus.»()

Por vezes Sebastião da Gama sente a ânsia de afastar a morte e então surge o poema como um pedido de socorro:

«Ó meu Jesus heróico,
meu Capitão, afasta
com Tua mão direita,
afasta a Morte, afasta-a,
que ainda a não mereço.»()

Campo Aberto denota, por um lado, uma crescente interiorização e por outro, uma abertura cada vez maior para os acontecimentos exteriores, que o autor vai imbuir de beleza poética e de valorização simbólica.

Podemos verificar isto em vários poemas, como: Romance do Comboio, Manhã no Sado, Santa Luzia, Carruagem de Terceira, O Cais, A Nossa Casa, Quatro Mil Soldados, etc.

Se por um lado se mantém o pendor narrativo-descritivo do poeta, por outro, os versos de Campo Aberto são enriquecidos com uma sobrecarga metafórica que transfere o real visto para o simbólico.

Podemos notar isso por exemplo nos poemas, Manhã no Sado e Romance do Comboio:

«Branças, as velas
eram sonhos que o rio sonhava alto.»()

«Na sua marcha o comboio
era uma égua de Espanha.
(Só vento norte de Espanha
lhe pode matar o cio.)
Fumegava, fumegava...
De paixão e de volúpia,
tinha as crinas eriçadas...»()

Campo Aberto está subdividido em capítulos, seguindo uma espécie de agrupação temática.

O primeiro grupo é constituído por poemas onde o tema da morte domina. Como por exemplo em Sweet Ophelia:

«Entre as pedrinhas dormes, flor absorta,
ó pobre, doce Ofélia! Mas quem sabe?
-: Sobre a dor e a loucura, sobre a morte,
intransparentes, mudas, esquecidas,
correm p'ra sempre, Ofélia doce, as águas.»()

No poema Manel:

«E mármore frio,

mármore sereno.

As mãos nem sequer

(cruzadas e calmas)

nos dizem adeus.

(...)

Os lábios, sem cor,

dizem para dentro

coisas tão profundas

que já são da Morte.»()

Em Inscrição:

«Sabe tudo do Mar

quem no Mar perdeu tudo.

Mas dorme lá no fundo,

tem os lábios selados.»()

No poema Elegia para uma Gaivota:

«Morreu no mar a gaivota mais esbelta,

(...)

Eis que deixou de ser sonho apenas sonhado.

-: É finalmente sonho puro,

sonho que sonha finalmente, asa que dorme voos.»()

A morte, para o poeta, é o passo que o homem precisa de dar para alcançar o mundo espiritual, para viver a verdadeira vida, deixar de ser "sonho sonhado" e passar a ser "sonho puro" que finalmente sonha.

No segundo grupo de poemas, encontra-se uma espécie de nostalgia, dor, inquietação, perguntas sem resposta. Podemos incluir nesta secção os poemas: Paraíso Perdido, Palavras a Frei Agostinho, Apareces tão pouco e A uma Criança.

Em Paraíso Perdido, o autor canta:

«Éramos duas crianças descuidadas.

Éramos duas flores nascidas num jardim,

(...)

Éramos... Mas sei lá bem o que nós éramos!

Sei lá eu se em verdade fomos o que fomos!

(...)

E no entanto, Amor, o que fizemos nós?

Esta angústia, vaga mas persistente, a que a devemos?...»()

O terceiro grupo é constituído por poemas de viagens: Romance do Comboio, Manhã no Sado, Santa Luzia, Mãe Noite, Carruagem de Terceira, O Cais.

Podemos exemplificar com o poema Santa Luzia:

«Vejo de Santa Luzia

quanto de lá posso ver.

Vejo Ponte, vejo Braga...

Só não vejo o meu Amor.»()

No quarto grupo encontramos composições de teor popular como a Cantiga de Amigo, e são tratados também alguns temas infantis dos quais se destacam: Balada das Quatro Meninas e Descoberta.

Descoberta é motivada pelos primeiros passos do sobrinho do autor:

«Já não tem medo de andar.

Isso era dantes, o medo!
Já desvendou o segredo
que nos não deixa tombar
e que é só perder o medo.»()

Neste grupo há ainda composições em forma de romance e contos, como: Conto em Verso da Princesa Roubada, Maribel e Toada do Ladrão.

O quinto grupo contém poemas de amor. Como podemos verificar nos poemas: Plenitude, A Companheira, A nossa Casa.

Em Plenitude, o poeta canta um amor sereno e puro:
«Sorri, sorriste. O Mundo era pequeno.
Mas bastava. Cabia nele, intacto,
o encantamento pleno
que te detinha ali, junto de mim,
que nos detinha ali, serenos, puros,
longe da multidão, longe do Tempo
- rio que passava ao largo e nós ficávamos.»()

Por fim temos o último e o mais extenso dos grupos, que começa com o poema A Verdade era Bela:

«A verdade era bela,
como vinha nos livros.
À beirinha das águas
a verdade era bela.

Os que deram por ela
abriram-se e contaram
que a verdade era bela.

Quase todos se riram.

(...)

A verdade era bela

mas doía nos olhos

mas doía nos lábios

mas doía no peito

dos que davam por ela.»()

Fazem parte deste grupo, entre outros, os poemas: Alegoria, Quatro mil Soldados, Apolo, É o Sol e Mais Nada.

O livro termina com um poema à Senhora da Lapa. Em que o poeta canta com a candura e a simplicidade de uma criança:

«Criança ajoelhada,

falei-lhe num murmúrio,

não fosse perturbar

a penumbra em que estava

(...)

O que pedi? Por quem?

Que vai acontecer

que eu possa perceber

que é de Ela que vem?

Mas não, Virgem, não quero

um sinal que mo explique.

- Em Tuas mãos me entrego

como se ao Mar me desse.»()

E nesta entrega à Virgem, termina esta obra de Sebastião da Gama.

2.4. Itinerário Paralelo

Na obra *Itinerário Paralelo* continuam a ser tratados os assuntos preferidos de Sebastião da Gama, já evocados nas suas obras anteriores. É uma espécie de "itinerário paralelo" de onde podemos observar e compreender melhor a estrada aberta por Serra-Mãe e Cabo da Boa Esperança.

As belezas naturais, o mar, a serra, o vento, a vida, o amor, Deus, a poesia, são os temas escolhidos pelo autor de *Itinerário Paralelo*.

Nos poemas *Expressão* e *Carta de Guia*, Sebastião da Gama diz-nos o quanto é difícil exprimir, por palavras, a riqueza da natureza humana. Em *Expressão* afirma:

«Passei a tarde nisto;
a procurar, cá dentro,
um verso que me exprimisse.
Mas nunca o disse...»()

E continua em *Carta de Guia*:

«(...) e hei-de falar de mim a vida inteira:
tanta coisa que eu tenho para dizer,
e passar ao papel!
A anatomia da minha alma, principalmente,
que há-de ficar escrita,
para que vejam como é esquisito um homem por dentro.»()

O amor pela natureza e por tudo que o rodeia aparece em vários dos seus poemas.

O Mar, aparece-nos em *Confidência*, *Comunhão* e *Canção do Marinheiro*.

Em Confidência, o mar como que se funde com a própria vida do autor:

«Na minha praia, os grãos de areia
passam a vida numa confidência
que a não entende a gente.
(...)
Os grãos de areia confidenciavam...
A onda desenrolou-se,
depôs o búzio que trouxe
e foi buscar outros mais;
O búzio então imitou
não sei bem se as ondas ou
se os ecos longos dos meus longos ais.»()

Nos poemas: Índias, Mordaça, Arte de fazer Sonetos, Sagração, Taverna, Melodia e Alegria, fala-se da poesia e da arte de ser poeta.

Em Mordaça, Sebastião da Gama mostra a grande necessidade que o poeta tem de se expressar, não sendo possível calar a sua voz:

«Puseram-lhe na boca uma mordaça...

Mas o Poeta era Poeta/e tinha que falar.»()

Em Alegria, o autor fala da felicidade que o poeta sente ao criar um poema:

«Fazer um verso...
Confiante e calmo,
ficar depois à espera que floresça...
(...)
E quando, enfim, florir,
não trocar por nenhuma essa alegria,
Maior nem a de Deus, criando

da mesma escuridão as Aves e o Dia.»()

Outros poemas de Itinerário Paralelo falam de Amor. Exemplo disto são os poemas Graça e Bilhetinho:

«Aquele casamento de nós dois,
Senhor!,
foi tão sincero,
que, quando agora digo: «Quero...»,
Já não sou eu que falo
- somos nós.»()

«Aconchega-te, Amor, em minha vida.
Entra na minha vida e fica lá,
sem ocupar lugar.
Que eu te não veja com os olhos, querida,
que não sinta sequer que tu ficaste,
mas adivinhe que sem ti ali

à minha vida, quarto aonde entraste,
nem ao menos podia chamar vida.»()

Nos poemas, Vestígios, Epílogo e Serviçal, o autor fala de Deus. Deus surge como Alguém que faz parte da vida do poeta e lhe impregna toda a existência, mais íntimo que ele próprio, revela-lhe o seu ser mais secreto.

Em Vestígios, o poeta sente-se marcado pelo sinal de Deus:
«O Senhor Deus passou...
Passou e não parou...
Mas, porque eu sou de barro e o barro é mole,

profundamente me deixou gravada,
no meu corpo de barro,
a sua Subtilíssima Pegada...»()

No poema Epílogo, Deus fala no interior do poeta, bem lá no fundo do seu ser:
«Pra que é preciso falar
se, caladinho comigo,
Deus fala dentro de mim
e diz bem mais do que eu digo?...»()

O problema da Morte é focado nos poemas: Elegia, Memória e Epigrama.

O Itinerário Paralelo termina com o poema Foi necessário ter perdido tudo, em que o autor considera que é preciso despojar-se de tudo para chegar à perfeição de não perder a confiança:

«Foi necessário ter perdido tudo
para chegar à perfeição enorme
de não poder perder a confiança.
Já com riquezas vãs me não iludo.
Sei por fim que sou rico simplesmente
das coisas que deixaram de ser minhas.»()

Só quando nos libertamos de tudo nos sentimos mais nós próprios e damos valor aquilo que realmente vale.

2.5. O Segredo É Amar

O título da obra - O Segredo É Amar, parece-nos mesmo adequado ao trabalho de Sebastião da Gama, pois o amor parece ter sido o segredo, a pedra angular, de onde brotou toda a sua pedagogia de poeta e de professor.

No dizer de Matilde Rosa Araújo, que escreveu o prefácio desta obra, viver para Sebastião foi amar: «Amar numa dádiva total. E na sua prosa, talvez mais que na sua poesia, pelo que ela tem de coloquial e vivo, sem intenção de forma acabada, transparece a sua inquietação entregue por um amor sem cálculo nem medida.»(), «Cada página sua é vida - vida que ele sabia breve e que quis dar inteira como se nos entregasse fraternalmente o próprio amor.»()

Ao longo de O Segredo É Amar podemos descobrir um Sebastião observador e amante da vida e de tudo que o rodeia, aceitando até as dores, os desgostos e as bofetadas, como algo que faz parte da existência e leva a pessoa a saber dar valor aos momentos de alegria e felicidade. Ele tem consciência de que o mundo é imperfeito, mas aceita-o como tal e tenta torná-lo melhor.

A obra O Segredo É Amar é constituída sobretudo por impressões de viagem, escritos de estudante da Faculdade, a Dissertação de Licenciatura do autor e algumas notas sobre a sua vida de professor. Está dividida em várias partes: Duas Pequenas Histórias, Páginas de Diário, Notas de Viagem, Folhas de Jornal, Quando Sebastião Falou em Público, A Região dos Três Castelos, A Dissertação de Licenciatura e a Última Página.

Duas Pequenas Histórias dão início à obra: Peixe-Rei e Sol-Posto.

Peixe-Rei conta a história de um pescador que amava muito o mar: «O Mar é que era a sua Vida e o seu Pai.»() E um dia o Mar tomou-o nos seus braços para sempre «e o pescadorzinho, que nunca olhara o Céu por trazer sempre os olhos ao rés da água salgada, não se espanta agora, vestido de conchas e de limos, de que o Céu fique por baixo dos Astros e tenha grãos de areia no fundo...»()

Sol-Posto narra a história de uma galinha velha, que se recorda da sua vida e sente que valeu a pena ter nascido - foi Mãe. No final da narrativa a galinha questiona-se sobre a morte: «- Ah!, como eu estou curiosa por saber como aquilo será!...»()

Nestas duas histórias é focado o problema da morte, que o autor coloca várias vezes ao longo das suas obras, e esta curiosidade da galinha expressa de certa forma a curiosidade do autor, sobre o que irá encontrar para além da morte.

Seguem-se as Páginas de Diário que narram alguns momentos da vida de Sebastião da Gama e os seus pensamentos e sentimentos face a determinadas situações. Numa delas por exemplo o autor conta as impressões da sua primeira aula:

«Setúbal, 15.

Primeira aula, ontem à noite. À vontade e alegria. Os moços gostaram de mim. Eu gostei deles.»()

O verdadeiro mestre sabe amar e ser amado. E este foi o segredo da Pedagogia de Sebastião da Gama.

Depois aparecem as Notas de Viagem e nelas A Doce França, que retrata pormenorizadamente a viagem de Sebastião da Gama a França. O autor gostou muito desta viagem e afirma: «a França era tão bonita e tão verde, ia feliz como um pássaro.»()

Seguem-se as Folhas de Jornal, que são constituídas por vários artigos publicados pelo autor em jornais, principalmente no Jornal do Barreiro, neles se exalta sobretudo a beleza da natureza. Na Carta de Estremoz, Sebastião da Gama, fala das maravilhas do poente com a sensibilidade de um místico:

«A Primavera começa a pôr tudo novinho em folha. Teceu poesia nas árvores do Rossio, deixou andorinhas em cada beiral e foi pelos campos fora e pintou de verde quanto era tenro. E que poentes, que soberbos poentes! Já os poetas, os poetas de cá, tinham querido falar-me deles. Mas um poente é lá coisa de que se saiba falar! Nem falar, nem pintar, nem coisíssima nenhuma! Um poente é um milagre que dura uns minutos e um milagre é para o vermos com os olhos e ficarmos toda a vida, se o merecermos, a acreditar nele.»()

Quando Sebastião falou em Público é a parte seguinte da obra e nela Sebastião da Gama foca a importância da Poesia de Bocage no contexto da Poesia de Amor dos poetas portugueses. Estes textos foram retirados de uma Palestra que o autor proferiu

em Setúbal, a convite da Câmara Municipal desta cidade, em 15 de Setembro de 1950, depois em Estremoz, em Abril de 1951 e em Vila Viçosa em Junho de 1951. Sebastião da Gama ao proferir esta palestra tem a intenção: «de entender Bocage e dá-lo a entender, analisá-lo à luz do que a respeito do Amor se tem dito em versos portugueses; estabelecer um quadro da nossa poesia de Amor e nesse quadro dar a Bocage (...) o lugar que lhe cabe.»()

Sebastião da Gama fala também da sua própria concepção de amor, e afirma: «o Amor é religião e namoro; alma e carne; Céu e Terra; instinto porque somos animais - e ascese porque podemos ser santos. (...) o Amor perfeito é o que tudo harmoniza, o que é pura comunhão das antíteses. O Amor perfeito não admite que o cindamos porque é uno; que o vejamos de dois lados, porque tem só um lado.»() O autor considera o Amor fonte de unidade e harmonia.

Segue-se A Região dos Três Castelos, em que Sebastião narra mais uma das suas viagens, desta vez em Portugal, que considera muito belo: «Não é aqui nem ali, nomeadamente, é onde quer que começa a ser visto que Portugal começa a ser maravilhoso.»()

Nesta viagem o autor parte de Lisboa, passa pelo Castelo de Sesimbra e continua rumo à Serra da Arrábida. Depois sai do Portinho da Arrábida em direcção a Setúbal e lá chegando avista o Castelo de S. Filipe e depois o Castelo de Palmela e é o regresso a Lisboa.

Toda esta viagem é descrita minuciosamente, dando-nos a impressão de que também nós estamos a participar nela com Sebastião da Gama, tal é a riqueza dos pormenores por ele descritos. E o autor termina afirmando que no seu coração haverá sempre um lugarzinho para Lisboa.

A Dissertação de Licenciatura de Sebastião da Gama, aparece na última parte desta obra e tem por título: Apontamentos sobre a Poesia Social no Século XIX. Esta Dissertação foi apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, no ano de 1947.

Neste trabalho Sebastião da Gama fala dos vários autores do século XIX, nomeadamente: Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Antero de Quental e Cesário Verde. Considerando que o Romantismo foi fecundo, o nosso autor afirma que este não se resume a uma pequena lembrança, mas sim uma nova visão do mundo e da vida. «Foi uma visão nova e tão importante que iria dividir os Poetas em dois grupos: os que se importam com os outros e os que não se importam.»()

No seu trabalho, Sebastião da Gama também fala da poesia: «Bem se sabe da Poesia que é indefinível, que é inapreensível, que é feita da mesma incógnita matéria que os deuses. Lê-se um poema ou colhe-se um lírio ou sorri-nos uma criança - e nós sentimos Poesia.»() O poema é uma ponte do Poeta para o Mundo, é o desvelar do incompreensível.

O Segredo É Amar termina com o texto: Encarcerar A Asa, em que Sebastião da Gama afirma que «Encarcerar a asa é encarcerar a alma»() e este texto representa um grito de liberdade, pois viver prisioneiro, seja de que "gaiola" for, não é viver no sentido pleno.

2.6. Pelo Sonho É Que Vamos

Na obra de Sebastião da Gama encontramos dois movimentos principais, que de certa forma, se interpenetram e confundem: uma exaltação da vida e da natureza e uma ânsia de ascese religiosa. Sebastião da Gama extasiava-se perante tudo onde encontrasse o milagre da vida, ao mesmo tempo que a natureza lhe falava de Deus. É também nesta linha, que ele escreve os poemas da obra que vamos analisar.

Pelo Sonho É Que Vamos é constituída por cerca de três dezenas de poemas, escritos aproximadamente durante todo o ano de 1951, alguns deles têm o aspecto de apenas se encontrarem esboçados, talvez o autor não tenha tido tempo de lhes dar uma forma definitiva, uma vez que a morte o surpreendeu logo no início do ano de 1952. De qualquer forma são poemas de alguém maduro, que definitivamente se encontrou.

Pelo Sonho É Que Vamos é uma obra de maturidade do poeta. Marca uma nova fase da sua vida. É o poeta recém-casado, a cantar em ritmos novos, a sua nova situação. O poeta exalta as pequenas coisas da natureza: o sol, a chuva, o ar livre. Cantor da vida, dos sentimentos nobres, das coisas belas e da pureza.

Lá Fora É Que Sim é o poema que dá início a esta obra, e onde Sebastião da Gama, imbuído dum certo franciscanismo, se propõe rezar à Virgem de Belém, não no interior frio de uma igreja, mas lá fora:

«Lá fora é que sim

me apetece estar.

Não ao pé do altar,

Virgem de Belém.

E se eu for lá pra fora?...

Amava-te igualmente...

Só o modo era outro

de rezar e ser crente.

Lá fora também andas...

Sem manto, sem coroa,

simples, Nossa Senhora!

Que mais linda és lá fora!...»()

Este encontro da graça divina torna luminosa a obra de Sebastião da Gama. Nas coisas mais simples da natureza ele descobre o milagre continuamente renovado. A natureza fala--lhe de Deus, os seus versos são uma autêntica profissão de fé, podemos constatar isto, por exemplo, em Poesia Depois da Chuva e O Zambujeiro:

«Depois da Chuva o Sol - a graça.

Oh! a terra molhada iluminada!

E os regos de água atravessando a praça

- luz a fluir, num fluir imperceptível quase.

(...)

Tão alegre este Sol! Há Deus. (Tivera-O eu negado
antes do Sol, não duvidava agora.)

Ó Tarde virgem, Senhora Aparecida. Ó Tarde igual
às manhãs do princípio!»()

«Deus disse: «O Zambujeiro nasça.»

Viril, rompeu da terra o Zambujeiro.

O tronco é o dum homem das montanhas.

São mãos de cavador seus ramos. Só as folhas,

delicadas, suaves... Pela noite,

quando tudo se cala, mesmo os pássaros,

o Zambujeiro canta...»()

No poema Somos de Barro, o autor sente a sua fragilidade de ser humano e por isso pecador, mas esta consciência do pecado longe de lhe provocar constrangimento, serve-lhe de estímulo:

«Somos de barro. Iguais aos mais.

Ó alegria de sabê-lo!

(Correi, felizes lágrimas,

por sobre o seu cabelo!)

Depois de mais aquela confissão,

impuros nos achámos;

nos descobrimos

frutos do mesmo chão.

Pecado Amor! Pecado fora apenas

não fazer do pecado

a força que nos ligue e nos obrigue

a lutar lado a lado.»()

Sebastião da Gama, considera que errar é humano, "somos frutos do mesmo chão", no entanto não devemos desanimar, da nossa fraqueza devemos tirar a força necessária para continuar na busca incessante pela verdade.

Nesta obra podemos também encontrar vários poemas de amor: Nunca o Amor foi breve; Nupcial; Sinal; Imagem; Cantiga de Amor; Largo do Espírito Santo, 2, 2º; Anunciação; Obsessão; Raiz.

Nos poemas, Nunca o Amor foi breve e Nupcial podemos sentir a alegria do autor:

«Nunca o Amor foi breve,
quando deu fruto.

(...)
- O seu Amor floriu, deu fruto,
como as árvores.

Cantai, aves do ar,
em volta do seu berço.

Cintilantes do Sol, saltai ao Sol,
peixes do Mar.»()

«Vieram todos os poetas,
trouxeram versos, trouxeram rosas.

Repicam sinos, finalmente...,
cantam as Coisas.»()

Nos poemas Sinal, Imagem, Cantiga de Amor e Largo do Espírito Santo, 2, 2º, o autor canta o amor, talvez inspirado pelo seu casamento recente.

Em Sinal, fala do seu anel de noivado:

«Quanto amor me tens,
com amor to pago.

- Trago-te no dedo,
num anel que trago.

Num anel redondo,
todo de oiro fino,
que é o teu sinal,
que é o meu destino.

(...)

E eis na tua mão,
num anel igual,
brilha o teu destino,
luz o meu sinal.»()

No poema Imagem, Sebastião da Gama fala da sua noiva, como a mulher dos seus sonhos, talhada à sua imagem, capaz de saciar o seu desejo:

«Ó corpo feito à imagem
de meu desejo e meu amor
que vais comigo de viagem
para onde eu for,
(...)
Ó alma feita à imagem
do sonho que me desmede
- que sede é esta que temos
que é mais água do que sede?»()

Em Largo do Espírito Santo, 2, 2º, fala do lar de Sebastião da Gama e da sua esposa:

«Nem mais, nem menos: tudo tal e qual

o sonho desmedido que mantinhas.

Só não sonharas estas andorinhas

que temos no beiral.

(...)

Da nossa casa o Alentejo é verde.

É atirar os olhos: São searas,

São olivais, são hortas... E pensaras

que haviam nossos olhos de ter sede!

E o pão da nossa mesa!... E o pucarinho

que nos dá de beber!... E os mil desenhos

da nossa loiça: flores, peixes castanhos,

dois pássaros cantando sobre um ninho...

(...)

Deus quis. E nós ao sonho erguemos muros,

rasguei janelas eu e tu bordaste

as cortinas. Depois, ó flor na haste,

foi colher-te e ficarmos ambos puros.»()

No poema O Outono É Triste, o autor fala da sua felicidade, o amor transforma a sua vida numa Primavera permanente:

«Aonde estou não há Outono. O Outono é triste...

Aqui não deixam nunca as folhas de ser verdes

e há a relva e os rebentos e a alegria dos pássaros...

E os sítios em que amámos?... Vou contigo, Mulher,

vamos de braço dado aos sítios de outro tempo...

Ah! que não vemos musgo, muros velhos, mofo...

Saudades?... Nem ao menos saudades... Somos os dois tão
jovens!...

Lá vai uma flor nova romper. Detemo-nos, deixamos
de respirar - e eis o botão rasgado e a flor aberta...»()

2.7. Cartas I

A obra Cartas I é constituída por algumas cartas de Sebastião da Gama para a sua noiva.

Durante cerca de oito anos, Sebastião da Gama escreveu 727 cartas a Joana Luísa, das quais apenas 83 estão publicadas neste volume e remontam aos anos de 1943 e 1944.

Nelas se retrata um amor intenso, apaixonado e confiante, como podemos ver em Bilhetinho, logo no início da obra:

«Aconchega-te, Amor, em minha vida.

Entra na minha vida e fica lá,

sem ocupar lugar.

Que eu te não veja com os olhos, querida,

que não sinta sequer que tu ficaste,

mas adivinhe que sem ti ali

à minha vida, quarto onde entraste,

nem ao menos podia chamar vida.»()

Nestas cartas estão presentes a serra, as belezas naturais, a poesia, Deus e o Amor.

O poeta escreve de todos os lugares em que se encontra: de Lisboa, de Setúbal, da Parede, do Norte, da Lapa de Santa Margarida e sobretudo do Portinho da Arrábida.

A presença da amada é contínua ao longo de toda a obra. Beija a sua fotografia vezes sem conta, quando passeia pela serra deseja tê-la ao seu lado, sente-a na brisa da manhã, ou no brilho das estrelas.

Nestas cartas para a noiva, Sebastião da Gama conta a sua vida de estudante da Faculdade, fala dos seus amigos e também dos seus sentimentos, da sua vida interior. Conta as suas lutas e dúvidas, as angústias e as alegrias. Fala da sua relação com Deus que é a fonte da sua força.

Faz alusão nas cartas aos seus poetas preferidos: José Régio, Teixeira de Pascoaes, António Nobre, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, e recomenda à noiva que os leia.

Nas Cartas encontramos um Sebastião da Gama enamorado e feliz, que se extasia com o encanto da natureza:

«Amor:

Está aqui uma noite que é pena não se poder meter num envelope, endereçado assim: para Joana Luísa. É uma coisa parecida com um conto de fadas. O Céu está nitidamente azul, o Mar nitidamente azul. Ah! Luísa - parece que esta Serra foi de propósito feita para haver Luar.

E é ao Luar que eu te escrevo, aqui na esplanada. (...) Sei só que li a tua carta e que me fez ela muito feliz.»()

Noutra Carta o poeta canta a sua felicidade, afirma que não sabe senão que é feliz:

«De minha vida não sei,
senão que sou feliz.

Lá o que fui ou fiz
antes de ser o que sou
ai!, tudo me passou,
só sei que sou feliz.»()

Por tudo o que foi dito ao longo da análise destas obras de Sebastião da Gama chegamos a uma conclusão: Viver para o nosso autor foi sobretudo Amar e este amor ajudou-o a vencer todos os medos e angústias e a tornar a sua vida feliz e realizada.

Capítulo VI

A Pedagogia de Sebastião da Gama

1. Diário de Sebastião da Gama

No Diário de Sebastião da Gama podemos encontrar o registo quotidiano das suas experiências de professor estagiário. Nesta obra, o autor, apresenta claramente a realidade pedagógica, dando sobretudo relevância e prioridade ao aluno, no contexto das situações de ensino/aprendizagem.

O Diário é o espelho fiel de uma pedagogia centrada no aluno. Desde Rousseau que se tornou lugar-comum a transferência do fundamento da estrutura científica da teoria pedagógica, do saber e do mestre para o discípulo, no entanto, este princípio pedagógico raramente é praticado pelos professores. Sebastião da Gama é um verdadeiro pedagogo, pois coloca os alunos no centro da sua acção educativa, procurando despertar neles, o amor à vida autêntica e responsável.

No dizer de Jesús Herrero: «o Diário de Sebastião da Gama contém o aroma capaz de inebriar toda a espécie de leitores jovens e adultos de qualquer época, dado que encerra a grande revelação universal, o afazer essencial de toda e qualquer vida humana individual: a descoberta jovial da relação inter-individual e a arte do incitamento ao saber. Não ao saber abstracto e utópico, mas ao saber necessário e concreto. O saber que Gama transmite (...) é um saber de necessidades urgentes que fazem sentir a vida como um espaço de criatividade permanente e dum projecto de felicidade.»()

Para Sebastião da Gama educar é uma arte porque em todos os momentos acontece o milagre do nascimento de um homem por obra e graça do amor. O Diário patenteia-nos o acontecimento pedagógico no acto do seu nascimento e é uma lição actual de pedagogia que nos interpela, pois mostra que para falar com os alunos, ao jeito deles, é preciso ter alma e estilo de poeta. Aqui Sebastião da Gama aproxima-se de Teixeira de Pascoaes que considera os poetas, os maiores educadores, «a sua concepção de educação conjuga-se com a ideia de elevação espiritual do homem, elevação esta que só a poesia favorece, razão pela qual a considera a maior das educações.»()

Para ser professor é preciso ter as mãos purificadas, diz-nos Sebastião da Gama, pois a toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a poesia nos visita. «O Poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a lição da sinceridade... E diz assim: "É preciso saber olhar..." E pode ser, em qualquer ideia, ingénuo como as

crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos... E levanta uma pedra escura e áspera para mostrar uma flor que está por detrás... E perde tempo (ganha tempo...) a namorar uma ovelha... E comove-se com coisas de nada: um pássaro que canta, uma mulher bonita que passou, uma menina que lhe sorriu, um pai que olhou desvanecido para o filho pequenino, um bocadinho de sol depois de um dia chuvoso... E acha tudo importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começavam desta maneira: "O Segredo é amar..."»()

O amor não é para Sebastião da Gama, apenas uma palavra, mas sim o acontecimento soberano da vida humana, centro de toda e qualquer teoria educativa.

O amor é o segredo da Pedagogia do nosso autor, por ele vai pautar toda a sua actividade de poeta e de professor.

«O Diário é na realidade o poema pedagógico mais belo que jamais se escreveu em Portugal, é um dos relatos mais vivificantes do homem português com que a história da educação em Portugal pode contar. Em jeito de narração, a razão vital de um pequeno filósofo e grande coração, mostra-nos os caminhos por onde o amor avança estruturando indivíduos, edificando pessoas por meio de palavras que ajudam a pensar e de desejos que ajudam a realizar a nossa condição itinerante por meio do sonho.»() Se nos deixarmos guiar pelo sonho a realidade nunca será pobre, não passará de um pretexto para ir mais longe. Por detrás dos mais penosos aspectos da vida, adivinha-se a flor que nos dá a capacidade de sonhar e de continuar a procurar a felicidade.

2. Princípios Fundamentais da Teoria Educativa de Sebastião da Gama

Como podemos verificar pelos textos do Diário, Sebastião da Gama tinha, com os seus alunos, um relacionamento excelente.

Um dos princípios da sua pedagogia é, sem dúvida, o diálogo franco com os alunos.

Logo na primeira aula, as palavras que dirige aos alunos são um convite ao fraterno convívio que se estabelecerá entre eles:

«Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras.(...) Não acabei sem lhes fazer notar que "a aula é nossa". Que a todos cabe o direito de falar, desde que fale um de cada vez e não corte a palavra ao que está com ela.»()

A escola é primordialmente uma instituição educacional de relação com o outro. É na relação mestre-aluno que radica a chave do problema escolar, como problema psico-pedagógico da criança. Talvez devido à sensibilidade de poeta e ao seu espírito bondoso e compreensivo, Sebastião da Gama, mostra uma grande capacidade de relação com os adolescentes.

Não confundia autoridade e coacção, ou liberdade com deixar fazer tudo. A autoridade era para o nosso autor uma força interior que se impunha por si mesma. Os alunos, a quem considera, seus camaradas mais novos, não são obrigados a mais disciplina do que a que livremente queiram impor-se, segundo a medida do interesse que o professor saiba despertar-lhes.

Mais do que os conteúdos que se transmitem, segundo Sebastião da Gama, o que interessa é o comportamento relacional. O professor deve ser o incitador que se dirige à actividade pessoal do aluno e o torna participativo, se age com honestidade, desbloqueia a personalidade dos alunos, orientando-os para a descoberta dos seus pontos de vista pessoais.

"Ensinar é Amar", este é outro dos princípios pedagógicos de Sebastião da Gama. Quando se interroga, à maneira socrática, sobre o seu afazer de professor, só encontra uma resposta: o amor.

«- Tens muito que fazer?» Pergunta.

«- Não. Tenho muito que amar.» Responde, acrescentando: «- Não entendo ser professor de outra maneira.»()

Ser professor, para Sebastião da Gama, é dar-se, é amar, é fazer amigos entre os alunos. E nas suas aulas aproveita todos os momentos para se aproximar dos alunos e mostrar a sua amizade através das palavras e das atitudes que toma.

O amor é uma realidade decisiva no período da adolescência, integradora da personalidade em processo evolutivo e Sebastião da Gama mostra que o sabe, pois considera que para se ensinar alguma coisa é preciso saber amar.

Nas suas aulas não pretende ser um professor autoritário, as suas aulas serão um pretexto para conviver: «um pretexto para estar a conviver com os rapazes, alegremente e sinceramente. E dentro dessa convivência, como quem brinca ou como quem se lembra de uma coisa que sabe e vem a propósito, ir ensinando.»()

Conviver é uma das palavras-chave do projecto educativo do nosso autor. Ele está convencido que todo o verdadeiro viver se fundamenta no convívio, no contacto franco e leal com os outros, por isso pede aos seus alunos que sejam leais: «Lealdade para comigo e lealdade de cada um para cada outro. Lealdade que não se limita a não enganar o professor ou o companheiro: lealdade activa, que nos leva, por exemplo, a contar abertamente os nossos pontos fracos ou a rir só quando temos vontade (...) ou a não ajudar falsamente o companheiro.»()

A lealdade para Sebastião da Gama é acima de tudo sinceridade e espontaneidade. Uma lealdade activa que implica abertura de alma e convívio afectivo. A felicidade passa pelo campo da afectividade tão importante na adolescência e Sebastião da Gama só pretende que os seus alunos vivam felizes, por isso tenta ser acima de tudo um amigo, evitando o menor traumatismo e todo e qualquer autoritarismo.

Face às atitudes repressivas de alguns professores, afirma: «O professor que sente a necessidade de se impor ao aluno pelo alardeamento de uma vastidão e complicação de conhecimentos com que o amachuca e que se irrita ou inventa, se necessário for, quando o aluno lhe pergunta qualquer coisa que ele não sabe. Por mim nego-me a impor-me desta maneira medrosa e desonesta e será, como tem sido sempre, sem vergonha que direi que não sei.»()

Sebastião da Gama é contra a erudição aparente de certos professores, que apenas iludem as questões dos alunos em vez de ensinar. Acérrimo defensor da verdade, Sebastião da Gama é o exemplo do professor não doutrinador.

O respeito pela sensibilidade do aluno levá-lo-á ao ponto de suprimir a tinta vermelha nas suas correcções e evitará até os riscos nos cadernos escolares. Sebastião da Gama afirma: «Eu sou contra a tinta encarnada nos exercícios; notas, emendas ou o que tenha de escrever (...) a tinta vermelha lembra-me sangue a escorrer de feridas - e

pode dar-se o mesmo, se não em todos os alunos, ao menos em alguns. E o risco? O risco num trabalho que foi feito, por vezes, com esforço, amor, convicção? (...) um risco pode equivaler a uma reguada. E na alma, que é onde dói mais, eles não sabem protestar.»()

Sebastião da Gama ajudará os seus alunos a perceber os erros e a aperfeiçoar-se, não através de uma aula de "correção", mas sim de um modo construtivo, felicitando-os por aquilo que conseguiram fazer bem feito e desenvolvendo a sua "lição" com a colaboração de todos. «É o próprio aluno que se corrige; dá-se-lhe até a probabilidade de interpretar o seu erro como uma distração.»() Assim não haverá tinta encarnada, nem haverá riscos, mas sim alegria. O professor será mais o orientador que ajuda o aluno na aprendizagem, do que o avaliador.

No seu relacionamento com os alunos, Sebastião da Gama, considera que é importante chamar a cada um pelo seu nome e não através dum número. Os alunos não são «os sobretudos que se deixam nos bengaleiros dos teatros»() afirma o nosso autor, são pessoas, são homens e por isso devem ser tratados pelo seu nome com toda a dignidade e respeito que merecem.

O afazer pedagógico de Sebastião da Gama está identificado com a humanização do homem. Ele pretende ajudar os seus alunos a libertar as forças interiores e a reforçar as suas potencialidades psíquicas, por isso tem a preocupação de despertar nos alunos toda a espécie de sentimentos, começando pela coragem e a confiança em si próprios. Escolhe leituras motivadoras de sentimentos, para que os alunos gostem e se encontrem com o mundo das coisas vivas. Entre as leituras motivadoras coloca num lugar de relevo os *Lusíadas*, que Sebastião da Gama considera poema do orgulho do homem e da confiança em si e nas suas forças. O poema de Camões é apresentado como: «a carta de emancipação do Homem - que o Homem, vencendo o mar, vencera o mundo, ganhara o atrevimento necessário para, finalmente e novamente caminhar por seu pé.»()

Sebastião da Gama manifesta-se contra uma educação tradicional que tenta adaptar a criança ao meio, tirando--lhe toda a criatividade e espontaneidade, ficando enterrada a sua riqueza interior. O melhor processo para se conseguirem homens perfeitos não é adaptar o adolescente ao ideal de homem maduro, mas sim educar, à maneira de Rousseau, a criança como criança e o adolescente como adolescente e não como adulto.

O nosso autor considera que as crianças nos podem ensinar muito e nos ajudam a ter um outro olhar sobre o mundo. No dizer de Sebastião da Gama: «nós, Portugueses, temos cá dentro um impulso que nos levaria a fazer tudo ou quase tudo que fazem os Poetas, se não fosse um receio de parecer menos viril. A gente tem vergonha de beijar tudo, de amar as flores, de se enternecer com os animais, de dar um passeio. Se beija uma árvore, é parvo; se traz uma flor na mão, é maricas; se se enternece, é fraco; se acaricia uma menina, põe nessa carícia o sexo; se vai a qualquer parte para passear e ver o mundo, faz constar que foi em viagem de estudo ou viagem de negócios. Temos vergonha de ser sinceros, de que nos creiam parvos, ou maricas, ou fracos, ou lúbricos, ou estróinas. E então perdemos o melhor da nossa vida a ludibriar os outros e a insultar as nossas intenções mais belas e generosas.»() E o nosso autor apela para a urgência de as pessoas começarem a ser sinceras e só então a vida terá outro sabor.

«Não quero "impingir" versos aos meus alunos: quero abrir-lhes a janela da Poesia, para que não se dê tempo a que também entre neles o respeito humano»(), afirma Sebastião da Gama, que pretende, acima de tudo, ajudar os alunos a desenvolver a sua vitalidade psíquica e a manifestar toda a sua riqueza interior sem medos nem preconceitos.

Na sua pedagogia, Sebastião da Gama, traça um certo perfil de professor. Ele considera que o professor, na escola, funciona em relação aos alunos, como modelo de identificação e por isso deverá ter uma postura correcta. O professor deverá estar à altura da sua missão educativa. Ser professor, mais do que uma profissão deverá ser uma vocação. O professor que não faz da sua ocupação profissional um afazer de perfeição pessoal, dificilmente poderá exigir perfeição e autenticidade ao aluno.

«Ser professor é dar-se»(), afirma Sebastião da Gama, e «Ensinar é Amar»(), amar e ajudar os alunos a serem felizes.

O professor deve ser «a lição em pessoa - que é isso mais importante do que ser o papel onde a lição está escrita.»()

Para ser professor, diz Sebastião da Gama: «também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a Poesia nos visita.

O aluno acredita em nós e não deve acreditar em vão. Impõe-se-nos que mereçamos, com a nossa, a pureza dos nossos alunos; que a nossa alimente a deles, a mantenha.»()

Sebastião da Gama coloca a profissão do professor sobretudo a nível do ser.

«A vida do professor deve ser (...) luminosa e branca. Mais do que não ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro...»()

A exemplaridade funciona na pedagogia de Sebastião da Gama como mecanismo de aperfeiçoamento da personalidade do adolescente.

Mais do que ensinar muitas coisas, Sebastião da Gama considera que o mais importante é que os alunos se desenvolvam, não tanto a nível dos conhecimentos intelectuais do saber, mas no desenvolvimento das capacidades da personalidade. Não se trata tanto de transmitir muitos conhecimentos mas sim de orientar potencialidades individuais para que cada aluno saiba "resolver" e possa perceber o seu afazer de autenticidade pessoal. É preciso ajudar cada aluno, partindo do seu interior.

Para Sebastião da Gama o bom professor não é um repetidor de saberes, mas um formador de pessoas, um suscitador de aventuras espirituais.

Para se desenvolver uma prática educativa eficiente é necessária a observação atenta e contínua dos alunos e o nosso autor teve consciência desta necessidade, ele afirma no seu Diário que o professor deve, além de saber ser, saber ver e saber ouvir. Ver para Sebastião da Gama é mais do que olhar para os alunos, Ver é compreender, interpretar, adivinhar, estar em sintonia, deixar-se contagiar e transformar.

«Entre ensinar e aprender há tão pouca diferença que os dois conceitos se exprimem em francês pela mesma palavra»() afirma Sebastião da Gama, daí que nas aulas, entre professor e aluno deverá existir uma verdadeira simbiose, sem a qual não será possível uma aprendizagem significativa.

Por vezes os alunos são indisciplinados, e dão pouca atenção aquilo que o professor quer transmitir, para Sebastião da Gama a culpa desta situação não é apenas dos alunos, mas também do professor que não os soube motivar. Por isso ele tinha a preocupação constante por arranjar novas motivações para as aulas de forma a quebrar a monotonia, pois considerava que ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estarem interessados e a não se lembrarem de que lá fora é melhor. Quando os alunos estão desatentos temos que nos interrogar se não será culpa do professor e não apenas da maldade natural dos alunos. Também o insucesso escolar não pode ser atribuído, sem mais, aos alunos, é necessário que o professor examine criticamente todos os seus comportamentos não só didáticos, mas também os extra-escolares.

Sebastião da Gama aproveita todas as oportunidades para afirmar a personalidade dos adolescentes elogiando-os sempre que faziam algo positivo. Através do elogio reforçava as suas tendências positivas e impulsionava-os para fins sempre mais elevados e dignos.

Sebastião da Gama é um observador comprometido pela dedicação e amizade na difícil caminhada para o desenvolvimento dos alunos. No Diário podemos verificar como ele se interessa pelos alunos que lhe são confiados, nele encontramos observações carregadas de empatia convivencial.

Sebastião da Gama afirma, acerca dos seus alunos: «os rapazes são de se lhes tirar o chapéu. São vivos, são alegres, são inteligentes (...) Merece a pena estar com eles - e merece a pena, sobretudo deixá-los falar porque descobrem imensas coisas que nós já não somos capazes de descobrir.»()

No Diário fala de vários alunos seus: o Ludovico, o Fosco, o Romão, o Augusto, o Gabriel, o Barradas, o Tadeu, o Artur, o Luís Filipe, o Reinaldo, o Fragata, o Albano, o Acácio, o Manuel Calvinho, o Hélder, o Jorge Alexandre, o Américo, o Rogério Aragão, o Zé Mateus, o Rogério Vaz, o Zé Manel, o Luís Alonso (Chocalhadas), o Gregório, o Manuel dos Santos, o Carlos Alberto e o Mateus. É de notar o carinho com que Sebastião da Gama faz referência aos seus alunos e a confiança que deposita neles. Para o nosso autor viver é conviver e a convivência é o instrumento supremo da observação, do conhecimento e do amor. Ele conhece cada um dos seus alunos e tenta dar-lhes uma ajuda o mais individualizada possível.

Falando dos seus alunos, Sebastião da Gama mostra que os conhece bem e que os aceita como eles são:

«O Artur é um rapazinho vivo, sempre pronto a falar e a ter razão.(...) Bom a valer é o Aragão, desembaraço e elegância de linguagem a servirem uma imaginação histórico--poética. E o Ludovico, mais concreto, correcto, amigo da adjectivação abundante e superlativante.»()

«O Augusto é dos rapazinhos de mais boa vontade que tenho na turma.»()

«O Fosco é uma espécie de ardina: vivo, endiabrado, sem-cerimonioso, tagarela; bom rapaz, e de quem se pode obter tão bons resultados como dos outros. Mas é preciso interessá-lo (...) o Fosco é tão alegre, tão engraçado, tão rapaz!»()

«O Rogério Vaz (...) é um rapazinho adorável, um amigo muito querido, um aluno esplêndido.»()

«O Hélder, um rapazinho que cresceu de mais fisicamente, mas se desenvolveu menos que o normal do ponto de vista intelectual (...) combinámos ter muita paciência com ele: dar-lhe lições à parte.»()

Sebastião da Gama respeitava o ritmo de aprendizagem dos seus alunos e mostrava uma verdadeira preocupação pelo seu sucesso. O Barradas, por exemplo, era um aluno que andava a faltar às aulas, questionando-se sobre o porquê desta atitude, Sebastião da Gama vai procurá-lo e encontrando-o à saída duma taberna vai ter uma conversa com ele. Não recrimina o Barradas, mas tenta, com amizade e simpatia, ajudá-lo a resolver o seu problema, falando-lhe ao coração: «Eu não te peço que me faças confissões (...) se quiseres e quando quiseres, quando precisares, abre-te comigo: procura-me, escreve-me, como queiras; não vejas em mim uma pessoa mais velha - aliás, pouco mais velho sou do que tu. (...) Tenho confiança em ti e tenho a certeza de que estes dias desnorteados depressa serão esquecidos.»() O Barradas ficou comovido, pois Sebastião da Gama não lhe ralhou, mas compreendeu-o e ofereceu-lhe a sua ajuda.

No dizer do nosso autor: «O Amor converte os pecadores, quanto mais o Barradas, que é um rapazinho manso e bom!

Primeira lei: acreditar no aluno. Se o campo é bom e se a semente é bem lançada, até uma inicial vontade de enganar a contraria, agindo no espírito do aluno a nossa boa-fé.»()

O que importa é o modo como a semente é lançada. Para Sebastião da Gama, não tem importância "ser levado": mais vale isso do que ser cruel, ofender ou estragar. O mais importante é confiar, entregar-se ao aluno e fazer-lhe sentir que é gente e que está acima de qualquer suspeita, que é amado. Confiar no aluno é uma lei inviolável na pedagogia de Sebastião da Gama. Até o aluno mentiroso poderá um dia, abandonar a mentira e assumir com coragem a verdade. E essa força foi-lhe dada por alguém que confiou nele, mesmo antes dele próprio confiar em si.

A ligação afectiva entre Sebastião da Gama e os seus alunos era muito forte, ele ficava muito feliz quando os alunos lhe escreviam: «O maior calor do meu Natal vem-me das Boas-Festas dos meus rapazes. Não fora os seus cartões - alguns tão belos!, todos para o meu coração, tão belos! - quase não sentia o Natal; ou sentia mas era uma dor, um vazio, um sonho a desfazer-se.»()

É esta amizade sincera que vai fazer com que haja um bom ambiente nas aulas de Sebastião da Gama. Aulas que ele preparava anteriormente com muito cuidado, mas que não programava tintim por tintim: ele deixava a lição acontecer. Os alunos tinham uma participação activa nas aulas. No Diário, Sebastião da Gama conta como a aula se ia desenvolvendo: «Eu ia traçando o esqueleto da aula e eles, já sozinhos, já com a minha ajuda, revestiam-no de carne; em alguns pormenores era eu só que trabalhava - mas sempre, do primeiro ao último minuto consegui que houvesse animação e interesse. Deixei (...) a linguagem doutoral e pus-me a falar com eles como eles falam.»()

As aulas acontecem, não se podendo pretender levar tudo calculado. E acontecem porque sendo as aulas de Sebastião da Gama actos de vida autêntica, elas aconteciam nele e nos seus alunos.

Esta didáctica da improvisação numa aula transforma-se numa oportunidade para fazer trabalhar a imaginação e a espontaneidade criadora.

Sebastião da Gama não falava de coisas abstractas mas falava ao nível dos alunos, de modo que estes o compreendessem. As aulas não eram do professor, mas eram de todos, pois nelas todos participavam activamente, lendo, escrevendo, falando, partilhando as suas experiências.

Sebastião da Gama inventava novas formas didácticas para tornar mais eficaz e mais agradável a aprendizagem da língua pátria. Recorrendo por vezes aos jornais com vista a fazer uma análise do que de bom e mau lá se encontrava em relação à gramática. Promoveu a Semana do Animal para tornar as aulas mais interessantes e incentivar nos alunos o respeito pelos animais. A Semana da Poesia foi outra das iniciativas do nosso autor, que considerava a Poesia como uma pedagogia da felicidade, pois o sentimento poético transforma tudo quanto toca em beleza e em emoção. Sebastião da Gama pretende encaminhar os alunos a viverem conscientemente um sentimento poético que forma parte do inconsciente colectivo do povo português.

«Assim um poeta pedagogo foi encaminhando os seus alunos para a descoberta desse mistério que é a Poesia, mistério de palavras, mistério de imagens, mistério de mundos novos que acontecem na vida quotidiana de todos os homens e em que poucos reparam.»()

No final da Semana da Poesia, Sebastião da Gama verificou com satisfação que a Poesia havia educado os seus alunos na sinceridade, na espontaneidade, na beleza, no amor, na harmonia e no imaginário.

Quer ensine os seus alunos a ler, quer os ensine a amar os animais ou a recitar poemas, o que o nosso autor pretende é fazer nascer o que se encontra latente na alma do adolescente.

Sebastião da Gama tenta ajudar os seus alunos a desenvolver a sua identidade pessoal por meio da libertação interior e exterior. Não lhe interessava tanto meter coisas na cabeça dos rapazes, mas fazer nascer o que se encontra latente na alma dos adolescentes, interessava-lhe motivar as suas potencialidades para que desenvolvessem as suas tendências positivas, soubessem desenvolver os seus problemas e valorizassem a vida, os homens, os sentimentos, de maneira a encontrar o sentido da sua própria existência.

Sebastião da Gama só pretendia fazer felizes os seus alunos, converter as aulas em festa e libertar as almas das repressões socioculturais, ajudar os rapazes a tornar-se espontâneos, abertos, livres.

O nosso autor teve a sorte de ter como metodólogo Virgílio Couto, homem de fina intuição e imaginação criadora, que defendia esta pedagogia da felicidade e que o apoiou ao longo do seu trabalho de estagiário.

«A pedagogia da felicidade não surgiu por acaso em Virgílio Couto e Sebastião da Gama, mas correspondia a uma nova sensibilidade histórica que se difundia então acerca da pedagogia por vários países. Da explosão pedagógica da Escola Nova, do movimento Freinet, das correntes não directivas, psicanalítica, rogeriana, etc., a uma pedagogia da felicidade, não vai mais de um passo.»() E esse passo foi dado primeiro em Inglaterra por A.S. Neill, que colocou como alvo da educação a felicidade. Dentro da mesma linha surge o Diário de Sebastião da Gama que proclama uma pedagogia da felicidade. O professor é o amigo, é aquele que ajuda o aluno na descoberta de si próprio, mas para isso é preciso amá-lo, compreendê-lo, porque o resto, a felicidade, virá por acréscimo.

Conclusões

Depois da análise que fizemos podemos concluir que Sebastião da Gama foi um verdadeiro pedagogo e um exemplo gritante dum professor não doutrinador.

A Pedagogia educativa de Sebastião da Gama é o contrário do doutrinamento pois toda ela é abertura, diálogo, procura incessante da verdade. Defensor acérrimo da verdade ele não faz mais do que ajudar os seus alunos a descobrirem a verdade de si próprios e da sua existência pessoal.

Partindo duma teoria educativa enraizada na afectividade, Sebastião da Gama vai entender a educação mais como uma arte do que como uma ciência, por isso todo o educador deve possuir o mínimo de sensibilidade artística para se constituir em educador. Para ser educador não chega ser técnico ou perito de um saber qualquer é preciso possuir o saber essencial da vida individual, é preciso saber ser.

O modo como nos relacionamos com os outros é o motor de todo o processo educativo. Por isso o nosso comportamento deve expressar atitudes boas e positivas, que vão de encontro ao sentido do Outro, do respeito pela diferença, da vivência da solidariedade. Não podemos ensinar a tolerância, a compreensão e a justiça se no nosso dia-a-dia somos intolerantes, incompreensivos e injustos.

Através do Diário, Sebastião da Gama expõe, explica e interpreta a sua acção quotidiana na aula e fora dela. É interessante o diálogo que o nosso autor, através da leitura e da reflexão, trava consigo mesmo acerca da sua actuação nas aulas. A reflexão é uma das componentes fundamentais do Diário de Sebastião da Gama.

Todo o Diário é um constante estar dependente dos alunos, de como se sentem. Especial relevo adquire a ideia de "sentir-se bem" que o professor usa como perspectiva permanente do seu trabalho: quer que os alunos se sintam bem, como pessoas, com os outros e com as tarefas que executam.

Sebastião da Gama gosta de estar com os alunos num plano de afectuosidade, de condescendência e num contacto pessoal individualizado carregado de disponibilidade mútua.

O Educador é um modelo de pensamento e acção para os mais jovens. Mas um modelo não pode afirmar-se pela aparência, mas sim pela verdade, pela capacidade de compreensão, de diálogo, de apoio e de comunicação.

É na base dum relacionamento interpessoal, aberto a pontos de vista diferentes dos nossos, a formas de estar e sentir diversos, que nos constituiremos como modelos orientadores no desenvolvimento dos nossos alunos.

Educar é amar e o amor é abertura aos outros, é o contrário de doutrinação que é egoísmo, fechamento, isolamento.

Todo o doutrinação tende ao sectarismo e à anulação das diferenças individuais. Cada homem é uma pessoa única que merece ser reconhecida e tratada como tal, Sebastião da Gama, no seu Diário, chama a atenção para a importância de se respeitar o que é próprio de cada um, o que é o seu estilo, ou o estilo da idade que atravessa. O respeito pelos alunos e a ajuda no desenvolvimento integral da personalidade, acentuando o valor da criatividade, é uma constante da sua pedagogia. O professor deve ajudar os alunos na descoberta de si próprios e das suas capacidades, partindo do seu interior.

Sebastião da Gama quer o Amor, a mesa aberta, a sinceridade e o abraço.

O professor deve ser o amigo da jornada que emana bondade, generosidade e camaradagem. O papel do professor não será tanto o de inculcar muitos conhecimentos, mas o de criar a sede de saber e auxiliar na formação dos alunos, através duma verdadeira relação interpessoal, descobrindo juntos a alegria de viver, de amar, reconhecendo a riqueza das diferenças e partilhando as suas experiências pessoais.

Sebastião da Gama pretendia que os seus alunos fossem felizes e a sua pedagogia é sem dúvida uma pedagogia da felicidade, pois só tem um objectivo, fazer nascer o homem que existe dentro de cada aluno e fazê-lo crescer em liberdade, autonomia e responsabilidade.

BIBLIOGRAFIA

1. ESPECÍFICA

1.1. DOUTRINAMENTO E EDUCAÇÃO

ALMOND, Brenda, Educacion y libertad: Oferta Publica y Alternativa Privada, in Actas del Congreso Internacional de Filosofia de la Educacion, Ed. Universidad Nacional de Educacion a Distancia, Madrid, Noviembre, 1988.

BERGERON, R., Interpretation Teologica de las Nuevas Religiones, in «Concilium», n° 181, 1983.

BISHOFBERGER, Os Jovens seduzidos pelas novas seitas, Col. Questões Vitais, ed. Paulinas, São Paulo, 1986.

BOSCH, Juan, Para Conhecer as Seitas: panorâmica da nova religiosidade marginal, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1995.

CARNEIRO, Roberto, Educação e Liberdade in Communio, Revista Internacional Católica, Ano X, nº 1, 1993.

CARRILHO, Manuel Maria, Verdade Suspeita e Argumentação, Ed. Presença, Lisboa, 1990.

CASULO, José Carlos de Oliveira, Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes, Universidade do Minho, Braga, 1995, V. I, II.

CHADWICK, Clifton B., Tecnologia Educacional para el docente, Nueva edicion revisada e ampliada, Paidós Educador, 3ª ed., Barcelona, 1992.

DEWEY, John, Democracy and education: an introduction to the philosophy of education, Free Press, New York, 1966.

DEWEY, John, Liberalismo, liberdade e cultura; trad. Anísio Teixeira, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1970.

DIAS, José Ribeiro, A Evolução da Pedagogia e o Novo Perfil do Professor, Tellus Especial, Jornadas Científico Pedagógicas pela U.M.

DIAS, José Ribeiro, Educação de Adultos, Educação Permanente, Evolução do Conceito de Educação, nº 2, 3ª ed., Universidade do Minho, Braga, 1982.

DIAS, José Ribeiro, 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos, ed. APCEP, 1986.

FERMOSO, Paciano, Teoria de la Educacion una Interpretation Antropologica, Ed. C.E.A.C., Barcelona, 1985.

GAMEIRO, Aires, Pedagogia e Relação Educativa, Ed. Salesianas, Porto.

GARCIA, Educacion Personalizada Utopia ou Realidade?, Ed. Paulinas, São Paulo, 1976.

GIBON, Yves de, Des Sectes à Notre Porte, ed. Chalet, Paris, 1979.

GUSDORF, Georges, Professores para quê?, Moraes Ed., Lisboa, 1970.

D'HAINAUT, Louis, Educação dos fins aos objectivos: a análise e a concepção das políticas educativas, dos programas da educação, dos objectivos operacionais e das situações de ensino; trad. João José Boavida, Almedina, Coimbra, 1980.

HAMELINE, Daniel/DARDELIN, Marie-Joelle, La Liberté d'apprendre, Situation II, Retrospective sur un enseignement non-directif, Ed. Ouvrières, Paris, 1977.

IBAÑEZ-MARTIN, José A., Introducción al Concepto de Adoctrinamiento, in Revista Española de Pedagogia, nº 153, 1981.

IBAÑEZ, Ricardo Marin, La Determinacion de los Objectivos de la Educacion, in Actas del Congreso Internacional de Filosofia de la Educacion, Ed. Universidad Nacional de Educacion a Distancia, Madrid, Noviembre, 1988.

JORDÁN, José António/SANTOLARIA, Félix, La Educacion Moral, Hoy, Cuestiones y Perspectivas, Biblioteca Universitaria de Pedagogia, PPV, Barcelona, 1987.

LEPARGNEUR, Hubert, Liberdade e Diálogo em Educação, Ed. Vozes, Petrópolis, 1971.

LINDGREN, Henry Clay, O Professor e o Processo Ensino-Aprendizagem, ed. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1977.

LOPES, António da Costa, Filosofia e Sectarismo, R.P.F., T. 36, Braga, 1980.

MARQUES, Juracy C., Os Caminhos do Professor (Incertezas, Inovações, Desempenhos), Ed. Globo, Porto Alegre, 1977.

MEDEIROS, Maria Borges, O Papel e a Formação dos Professores, Caderno de Apoio Didático, nº 2, U.M., 1976.

PETERS, R.S., Ethics and Education, Ed. Allen & Unwin, Londres, 1966.

PETERS, R. S. (Ed.), *The Concept of Education*, Routledge and Kegan Paul, 1979.

PETERS, R. S., *Filosofia de la Educacion*, Ed. Fondo de Cultura Económica, México, 1977.

REBOUL, Olivier, *Endoutrinement* in, *Encyclopédie Philosophique Universelle, Les Nations Philosophiques, Dictionnaire*, Volume dirigé par Sylvain Auroux, PUF, Paris, 1990.

REBOUL, Olivier, *L'Endoctrinement*, Ed. PUF, Paris, 1977.

REBOUL, Olivier, *La Philosophie de l'Education*, Ed. PUF, Paris, 1981.

REBOUL, Olivier, *Qu'est-ce que l'Apprendre?*, Ed. PUF, Paris, 1980.

ROCHA, Filipe, *Educação para valores e maturidade pessoal do educador*, in *Revista Portuguesa de Filosofia, Filosofia e Educação*, Abril-Junho, Tomo XLVI, 1990, Fasc. 2.

ROCHA, Filipe, *Educar para a Liberdade e a Autonomia*, in *Revista Portuguesa de Filosofia, Filosofia e Educação II*, Janeiro-Junho, Tomo XLIX, 1993, Fasc. 1-2.

ROSA, Joaquim Coelho, *Será Possível uma Educação Neutra?*, in *Communio, Revista Internacional Católica*, Ano X, nº 1, Fevereiro, 1993.

SANCHEZ, Amparo Martinez, Guia Practica de la Education Personalizada, Ed. Anaya, Madrid, 1976.

SANDRI, Dominique, No Rasto das Seitas e Sociedades Secretas, Col. Portas do Desconhecido, Ed. Europa América, Mem Martins, 1978.

SEMEDO, Fernando, Parasitas de Deus, Ed. Caminho, Lisboa, 1988.

SNOOK, I.A., (Ed.), Concepts of Indoctrination (Philosophical essays), Routledge and Kegan Paul, London, 1972.

SNOOK, I.A., Doutrinação e Educação, Ciências da Educação, trad. de Edmond Jorge, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1974.

THIESSEN, Elmer J., Indoctrination and Doctrines, in JPHE, vol. 16, nº 1, 1982.

VEIGA, Manuel Alte da, Doutrinação - Fogo Cruzado em Filosofia da Educação, Actas do I Congresso Luso- -Brasileiro de Filosofia, RPF, Tomo XXXVIII-II (separata), Braga, 1982.

VEIGA, Manuel Alte da, Democracia - Problema Educacional, in Revista Portuguesa de Pedagogia, XXI, 1987.

- VEIGA, Manuel Alte da, Educação: III, Liberdade de Educação; Direitos e Deveres; Confessionalidade, in POLIS - Enciclopédia da Sociedade e do Estado, Ed. Verbo.
- VEIGA, Manuel Alte da, Filosofia da Educação e Aporias da Religião - a problemática do ensino religioso, Ed. do Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1988.
- VEIGA, Manuel Alte da, Uma Concepção de Modelo no Ideário Educativo - Implicação para o ensino Cristão, in Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo XLII, Fasc. 3-4, Julho-Dezembro, 1986.
- VEIGA, Manuel Alte da, Identidade e deontologia em educação, in Revista Portuguesa de Filosofia, 1996.
- VEIGA, Manuel Alte da, Os Valores da Família, Comunicação apresentada no Congresso "Ao Encontro da família" - Forum 94, Lisboa, Novembro de 1994.
- VEIGA, Manuel Alte da, O Valor como projecto em educação, Universidade Católica Portuguesa, Sep. Máthesis, (3), Viseu, 1994.
- VEIGA, Manuel Alte da, Obedecer é amar?, Braga, M.A.V., 1992, Comunicação ao 2º Congresso da A.E.P.E.C., Évora, 1992.
- VEIGA, Manuel Alte da, Aceitação do erro e pluralismo cultural, Braga, M.A.V., 1994, Comunicação apresentada ao 3º Congresso A.E.P.E.C., Évora, 1994.

VEIGA, Manuel Alte da, Causas e consequências duma Sociedade em crise de valores, Braga, M.A.V., 1995, Comunicação apresentada em Seia, no Congresso Crise de Valores - Sociedade em crise - Forum'95.

VEIGA, Manuel Alte da, Violência e educação na família e na escola - Coimbra: M.A.V., 1995, Comunicação apresentada "As Jornadas de Teologia - Violência e Educação à luz da Fé e da Prática Cristã, I.S.E.T., Coimbra, Fevereiro de 1995.

VERNETTE, Jean, Des Chercheurs de Dieu "Hors-Frontières", Paris, 1979.

VERNETTE, Jean, Sectes et Reveil Religieux, ed. Salvator, Molhouse, 1976.

WOODROW, Alain, As Novas Seitas, ed. Paulistas, Sacavém, 1979.

WOODS, R.G./BARROW, R.St.C., Introduccion a la Filosofia de la Educacion, Ed. Anaya, S.A., Madrid, 1978.

1.2. SEBASTIÃO DA GAMA

FERREIRA, David Mourão, Vinte Poetas Contemporâneos, Ed. Ática, 2ª ed., Lisboa, 1980.

GAMA, Sebastião, Cabo da Boa Esperança, Ed. Ática, 3ª ed., Lisboa, 1993.

GAMA, Sebastião, Campo Aberto, Ed. Ática, 4ª ed., Lisboa, 1983.

GAMA, Sebastião, Cartas-I, Ed. Ática, Lisboa, 1994.

GAMA, Sebastião, Diário, Ed. Ática, 9ª ed., Lisboa.

GAMA, Sebastião, Itinerário Paralelo, Ed. Ática, Lisboa, 1986.

GAMA, Sebastião, O Segredo é Amar, Ed. Ática, 4ª ed., Lisboa, 1995.

GAMA, Sebastião, Pelo Sonho é que Vamos, Ed. Ática, Lisboa, 1992.

GAMA, Sebastião, Serra-Mãe, Coleção Poesia, Ed. Ática, 6ª ed., Lisboa, 1991.

HERRERO, Jesús, Pedagogia de Sebastião da Gama, O "Diário" à Luz da Psicopedagogia, Editorial o Livro, 2ª Ed., Lisboa.

ZABALZA, Miguel Ángel, Diários de Aula, Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores, Trad. José Augusto Pacheco, Coleção Ciências da Educação, Porto Editora, 1994.

2. GERAL

AVANZINI, Guy, A Pedagogia no Século XX, vol. I e II, Moraes Ed., Lisboa, 1978.

BLOCH, Marc-André, Philosophie de l'éducation nouvelle, Presses Universitaires de France, Paris, 1973.

CABANAS, José Maria Quintana, Teoria de la Educacion, Concepcion Antinómica de la Educacion, Dykinson, Madrid, 1988.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Sousa, Educação, Agentes Formais e Informais, Ed. Pedagógica Universitária, São Paulo, 1985.

CLÉVENOT, Michel, L'État des Religions dans le Monde, Le Cerf, Paris, 1987.

COMISSÃO DE REFORMA DO SISTEMA EDUCATIVO, Proposta Global da Reforma, Relatório Final, Ministério da Educação, Julho, 1988.

DIAS, Afonso Capitan, Historia del Pensamiento Pedagógico en Europa, Pedagogia Contemporânea, vol. II, Dykinson, Madrid, 1986.

FISKE, John, Introdução ao Estudo da Comunicação, Ed. Asa, Trad. de Maria Gabriela Rocha Alves, Porto, 1990.

GAL, Roger, História da Educação, Ed. Vega, 2ª ed., Lisboa, 1976.

GINOTT, Haim, O Professor e a Criança, ed. Bloch, Rio de Janeiro, 1973.

GONÇALVES, A. Custódio, Questões de Antropologia Social e Cultural, Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento.

LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO, Apresentação e Comentário de Eurico Lemos Pires, Ed. Asa, 1987.

LOWYCK, J., Pensamiento del profesor: una contribución al análisis de la complejidad en la enseñanza, in Vilar Angulo, L.M. (edit.) Pensamientos de los profesores y toma de decisiones, Servicio de Publicaciones de la Univ. de Sevilla, 1986.

MACCHIETTI, Sira Serenella/IANNI, Giuseppe, Interculturalità un Itinerario Possibile, Quaderni IRRSAE, Toscana, 1993.

MARTIN, José António Ibañez, Política del Currículo y Dignidad Humana, in Actas del Congreso Internacional de Filosofía de la Educación, Ed. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, Noviembre, 1988.

NÁJERA, Manuel Sanjuán, Ciencias de la Educacion, Pedagogia Fundamental I, Ed. Libreria General, Zaragoza, 1977.

NÓVOA, António, Profissão Professor, Porto ed., Porto, 1991.

PERIS, J. Henri Bouche, Perspectivas de la Antropologia Pedagogica Contemporanea, in Actas del Congresso Internacional de Filosofia de la Educacion, Ed. Universidad Nacional de Educacion a Distancia, Madrid, Noviembre, 1988.

ROCHA, Filipe, Correntes da Pedagogia Contemporânea, Ed. Estante, 2ª ed., Aveiro, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Pela Mão da Alice, O Social e o Político na Pós-Modernidade, Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento, 2ª ed., Porto, 1994.

SHAVELSON E STERN, P., Investigación sobre el pensamiento pedagógico del professor, sus juicios, decisiones y conducta, in Gimeno, J. e Pérez Gómez, A. (edit.): La Enseñanza: su teoria y su práctica, Akal, Madrid, pp. 372-418, 1983.

VÁRIOS, Autores, Novas Perspectivas das Ciências do Homem, Ed. Presença, 2ª ed., Lisboa, 1974.

VÁRIOS, Autores, Trabalho de Projecto, nº 2, Leituras Comentadas, Colecção ser Professor, Ed. Afrontamento, 1990.